

ZERO

Narrativas



Ler ou não ler...

Se você não tem muito tempo, como o personagem desta foto, não leia este jornal. Porque não traz notícias curtas, rápidas, para sua atualização sobre o imediato.

Traz informação – jornalística sim – mas de uma forma diferente: são narrativas do cotidiano. Elas poderiam estar em qualquer jornal, mas infelizmente nem sempre estão.

Se quiser arriscar, são histórias – de vida, de gente, de personagens – em situações engraçadas, tristes, dramáticas, reflexivas, inusitadas...

Mas, se achar que não vale a pena, vá ao banheiro mais próximo!

Curso de Jornalismo da UFSC - Florianópolis, dezembro de 2009

Aluga-se

Gabriela Cabral

Quero morar sozinha. Foi assim que a história começou, quando decidi que dividir o apartamento com três pessoas já estava no limite. Por questões geográficas que envolvem mais de mil quilômetros entre Floripa e a casa dos meus pais, quem deveria achar um novo apartamento, resolver as pendências do antigo, arrumar as malas e fazer a mudança era eu mesma. Com a decisão tomada, era hora de bater perna pela cidade e procurar um novo apê.

"Apto. 1 dorm. semi-mobiliado". Anúncio como esses são encontrados no site dos Classificados da UFSC, por onde comecei minha busca. Cheguei a procurar imobiliárias, mas a burocracia com contratos, fiadores e assinaturas me fez desistir. Para quem não quer enfrentar essas exigências, uma alternativa é recorrer aos anúncios nos classificados e tratar direto com os proprietários.

Não me lembro de quantos e-mails enviei pedindo informações sobre os anúncios, principalmente daqueles que não constam nem o básico, como o endereço. As visitas frustradas em que me meti também perdi as contas. Geralmente era aquela oferta que parecia ser perfeita e na hora H parecia mais com aquele quartinho que temos nos fundos de casa para guardar as quinquilharias e tudo mais que não usamos. Achar um lugar para morar em Florianópolis, principalmente perto da UFSC, requer gastar sola de sapato e não confiar muito nos anúncios desses classificados. Durante a jornada de encontrar um novo apartamento ou uma kitnet vi lugares em que dava vontade de dizer: "você só pode estar de brincadeira em querer R\$ 500 por isso!"

Na época, minha amiga Marina também estava na mes-

ma tarefa que eu. Resolvemos, então, ir juntas ver os lugares. Todos os dias conferíamos os classificados, separávamos alguns anúncios, ligávamos e marcávamos visitas. Entre os vários, estava um que ficava no bairro Pantanal e perto da universidade. Combinamos a visita com a mulher responsável pelo anúncio, que nos ofereceu uma carona. Pensei em duas possibilidades: ou a dona queria ser gentil e se dispôs a nos levar, já que estava na universidade também, ou o lugar a que iríamos ficava no alto da rua, uma das várias de Florianópolis que requer um preparo físico e disposição para subir e descer todos os dias. Lá fomos nós, e o motivo da carona era mesmo por ser no topo no morro. Só esse fato já fez com que eu descartasse o lugar antes mesmo de vê-lo.

Enquanto subíamos a rua, imaginava como seria fazer aquele trajeto diariamente, com compras de supermercado, mochila pesada, voltando da balada (depois de algumas caipirinhas) ou então atrasada para a aula. Seria preciso roupas de ginástica e tênis esportivo para subir e descer aquilo, como os que a dona do apê estava vestindo. Paramos diante de uma casa com portão de ferro e muro branco com tinta visivelmente descascada. Ao abrir o portão, víamos uma garagem com grades usada como depósito, em que bicicletas, caixas e uma máquina de lavar velha eram guardadas. Logo depois da garagem, uma escadinha dava acesso à entrada da casa.

Mas antes nos deparamos com uma pequena piscina em que não era possível distinguir

se o que tinha era água suja com folhas e galhos, ou algum outro tipo de líquido. Fingi que não tinha visto e grudei no braço da Marina como quem diz: "Não me deixe sozinha aqui".

A casa era toda irregular, com várias escadas e desníveis entre os cômodos. Passamos rapidamente pela sala, de onde se podia ver a cozinha cheia de utensílios à mostra e uma mesa arrumada para o café. Mais uma escada e agora entrávamos em um corredor estreito com um cesto de roupa sujas no caminho. Seguimos pelo corredor até um cômodo com aparência de ser a despensa da casa. Móveis velhos, mais caixas e sacolas estavam espalhadas pelo chão.

Um forte cheiro de xixi, misturado com o que parecia ser de cachorro molhado invadiu o ambiente. Realmente era um cachorro que dormia esparramado pelo chão e nem se mexeu diante de nossa presença. Mais uma porta e dessa vez chegamos ao

cômodo oferecido no anúncio.

Uma mesa de plástico estava bem no centro da cozinha, que também tinha uma geladeira, um fogão com botijão de gás, prateleiras de madeiras, e uma pia tanque. Seguindo para o lado esquerdo, entrávamos no quarto com apenas uma cama de solteiro e três prateleiras fixadas na parede que serviam como guarda-roupa. Uma outra porta entreaberta mostrava que ali era o banheiro.

O aluguel era R\$ 500 para uma pessoa, incluído água, luz e internet. Gás por conta do morador, e caso fosse para dividir entre duas pessoas, o valor subia para R\$ 550. O ou-

tro imóvel era o mesmo valor, e para chegar lá era preciso dar a volta pela casa, passando por um quintal com plantas amareladas e pedindo por uma boa dose de água.

O segundo ficava na área da churrasqueira, tanto é que esta ainda continuava por lá. Uma cama no quarto e uma geladeira era tudo que o lugar tinha. Estávamos prontas para ir embora - e nunca mais voltar - quando reparamos que estávamos de frente para o fundo da casa. Nesse espaço, havia um cercado com quatro viralatas. A mulher, percebendo que estávamos olhando para aquela direção, se adiantou em responder à pergunta que eu tinha na cabeça.

- Esses cachorros eu pego na rua para fazer castração. Eles ficam um tempo aqui e depois eu solto.

- Ah, você é veterinária, então? perguntou Marina, curiosa em saber mais sobre a possibilidade de ter um canil como vizinho.

- Não.

A resposta foi apenas essa, e a mulher já partiu para outro assunto. No portão de entrada, nos despedimos com a promessa de entrar em contato assim que falássemos com nossos pais. Descemos a rua em silêncio, esperando nos afastar da casa dos horrores. Não retornamos a ligação e nem sabemos que fim levou os dois apartamentos. Nem os cachorros do canil.

A lista com os anúncios diminuiu a cada semana. Assim como o tempo que tinha para resolver tudo, pois meu quarto no antigo apê já estava reservado para outro morador. Mais uma checada nos classificados, e uma oferta me chamou a atenção. Kitnet, em uma rua perto do HU R\$ 400 com tudo incluído.

Mandei e-mail e combinei com a responsável para conhecer o lugar. Na hora marcada, entrei pela rua de paralelepípedos e cheguei ao número 75. Era um sobrado verde com portão branco que mostrava uma garagem vazia com capacidade para dois carros. Do lado de fora, podia-se ver um corredor pela lateral da casa no qual um varal de chão com panos de prato pendurados estava a mostra.

Uma moça veio me atender e, enquanto abria o portão, contou que colocou o anúncio porque estava procurando outro lugar para dividir com uma amiga e precisava sair logo dali. Ela me levou até a porta da kitnet, mas não sei exatamente como seria o nome para o lugar. Ao entrar, já se deparava com a pia, um armário de duas portas na parte de cima e de baixo, a geladeira e o fogão. Mais alguns passos e estava o guarda-roupa, de frente para um beliche, que por sua vez estava ao lado da máquina de lavar. No banheiro, bem no rumo da pia da "cozinha", uma pequena secadora de roupa ocupava o box do chuveiro.

Além da moça que me atendeu, uma outra jovem morava naquele espaço que podia ser percorrido contando os passos. Olhando para o lugar reparei que algo estava estranho. Falta-va alguma coisa. Aquele pequeno espaço que não era nem kitnet nem apartamento não tinha janela. Nenhuma, por menor que fosse.

A visita durou menos de 20 minutos. Na saída, a estudante tentava me persuadir a ficar com a kitnet, que eu podia voltar no outro dia para já tratar com o dono de fechar o contrato. Novamente, ela disse que queria se mudar logo dali. Em um impulso, a única resposta que me veio à cabeça foi de: "Isso mesmo, ache outro lugar e saia logo daqui." Mais uma visita frustrada. Depois de muitos e-mails, telefonemas e caminhada, encontrei algo como queria. Um apartamento de um quarto, semi-mobiliado, que acabara de ser construído. Sem cachorros e com janelas. Três, para ser mais exata.



ZERO
Narrativas

Jornal laboratório produzido pelos alunos na disciplina optativa Narrativas em Jornalismo 2009-2.
Universidade Federal de Santa

Catarina - UFSC
Curso de Jornalismo - CCE - UFSC
- Trindade - Florianópolis - 88040-900
Tel (48) 3721-6599 / 3721-9490
REDAÇÃO e EDIÇÃO: Bárbara Dias Lino, Carolina Pompeo Grando, Cláudia Mebs Nunes, Daiana Natal Mieller, Diego Cardoso, Diego Vieira de Souza, Fernanda Espíndola Lucas, Flávia Luiza Schiochet, Gabriela

Martins de Carvalho Cabral, Gabriela Santos Bazzo, Iana Lua Dias da Cruz, Julie Philippe, Larissa Bronze Condeixa Cabral, Letícia Camerano Arcoverde, Luís Henrique Knihns Correa, Lygia Queiroz Esper, Rosielle Francine Machado, Vitor R. B. Vieira de Oliveira.
FOTO CAPA: Lucas Sampaio
PROFESSOR-ORIENTADOR: Jorge

Kanehide Ijuim MTb/SP 14.543
IMPRESSÃO: Diário Catarinense
TIRAGEM: 5.000 exemplares.
Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade Florianópolis - CEP 88040-900 Tel.: (48)3721-6599/3721-9490
Site: www.zero.ufsc.br
Ano I - Número 1 - Dezembro de 2009.

O palhaço é a cara do povo

Rosielle Machado

O (melo)drama começa mais ou menos assim: entre Biribinha e Teófanos há um grande conflito. Quase um caso de escravidão. Porque, sim, nosso Teófanos é um verdadeiro explorador que, aos oito anos de idade, decidiu que o recém-nascido Biribinha o sustentaria. Desde então, já se passou mais de meio século e até hoje é o suor do trabalho de um que coloca comida na mesa do outro.

Os dois são, na verdade, a mesma pessoa, ou melhor, dividem o mesmo corpo. Teófanos Silveira, o original, com 59 anos, e Biribinha, o pseudônimo criado ainda na infância, são as duas faces de um palhaço que surgiu em 1958, em Alagoas, na lona do circo-teatro do pai, Nelson Silveira. De lá para cá, já vieram mais três gerações da linhagem artística. Dois dos nove filhos de Teófanos são palhaços e o neto de cinco anos já segue os passos da tradição, assim como o temporão de quatro meses de idade, que já ganhou nariz vermelho e apelido de Cuscuz.

Foi ao lado dos demais irmãos, trabalhando em família no circo-teatro, que Biribinha aprendeu a arte de ser palhaço. Hoje, 51 anos depois, considera

um privilégio ter descoberto o dom que tem. "Existe faculdade pra formar todo tipo de profissional, mas eu não vi ainda nenhuma faculdade pra ensinar alguém a ser engraçado", orgulha-se. Experiente, é adepto da idéia de que, através do chute na bunda e do tapa da cara, o palhaço realmente é, como dizem, a representação maior do povo. "É no sofrimento do palhaço oprimido que o público acha graça, mas o palhaço é a cara do povo. Quem sabe o povo é que ainda não se deu conta de arranjar um nariz pra usar também".

Da arte circense como conhecia, ele percebe que muito se perdeu e recorda que o circo tinha um cheiro que hoje não tem mais. O cheiro da serra-gem, do café que faziam nas barracas, do encontro com colegas e das constantes viagens. O palhaço também não esquece o tempo em que o espetáculo da família alagoana era o grande acontecimento por onde passavam. "As pessoas choravam quando nosso circo

ia embora, o prefeito nos dava carta de recomendação para outros lugares, nos levavam frutas, verduras. As pessoas tinham um verdadeiro amor e respeito por nós".

Para Biribinha, a tecnologia e o viés comercial são os maiores responsáveis pelo fim da magia do circo. "O Cirque du Soleil, por exemplo, é lindo, mas é tudo muito programado. O improvisado que havia na arte de fazer circo acabou", lamenta. "Falta a serragem que revestia o picadeiro, sabe?".

Ele também nota mudanças no público, que passou a ser menos exigente. "Hoje a gente vê o camarada jogar três bolinhas pra cima e ser aplaudido,

além de alguns que são apelativos na tentativa de serem engraçados", critica o palhaço, que se orgulha de ter nascido numa época em que era obrigação fazer as pessoas rirem com inocência.

Mesmo com algumas decepções, ele não vive no passado e aposta em seus descendentes

para darem continuidade à luta de não deixar a arte circense tradicional desaparecer. Atualmente se apresenta em um espetáculo junto da esposa, dos filhos Nelson Alves e Teófanos Junior - os palhaços Mixaria e Mixuruca - e mal pode esperar para o neto de cinco anos, Gabriel - o palhaço Bibi - integrar o elenco.

Com a experiência de quem descobriu a vocação aos oito anos, o artista sonha em ver cada vez mais narizes vermelhos na família. Apesar da rivalidade entre Biribinha e Teófanos, ambos compartilham o desejo de fazer os mais jovens da prole sentirem a loucura e a poesia de serem dois ao mesmo tempo, e a satisfação de causar riso e lágrimas num só palco.



Teófanos Silveira, o palhaço Biribinha, sente saudades da época em que o circo tinha um cheiro diferente

Cabeça de hamburguer

Diego Cardoso

As paredes do lugar eram brancas com lapsos de azul. Durante a visita ao Hospital Infantil Joana de Gusmão (Florianópolis), poucos lugares fugiam da dicotomia de cores. Ver algo diferente disso chamava a atenção. E foi um pingo de vermelho daquele labirinto de corredores que chamou a atenção.

Ao lado da porta do setor de oncologia, uma placa: "Construído com o auxílio da Associação dos Voluntários de Saúde do Hospital Infantil (AVOS)". Entre os colaboradores da associação, eis o nome que causaria perplexidade: Instituto Ronald McDonald. Sim, aquele palhaço vermelho, amarelo (as cores ditas provocadoras de fome) e branco. Criado

na década de 60 e inspirado no Bozo, hoje ele nomeia a instituição. Históricos a parte, o fato é que o palhaço estaria na placa e em vários momentos que se seguiram.

A porta de vidro separa o azul e branco do vermelho e amarelo da oncologia. Nas paredes, motivos e pinturas da "Turma do Ronald McDonald". Uma galinha com trejeitos de pato; um listrado alvi-negro com gravata; um cone roxo com olhos, boca e braços; um homem com cabeça de hambúrguer. Todos eles moram em McDonaldland. E nas paredes do setor, pintadas minuciosamente. Nos desenhos, é claro, não faltam sanduíches.

Não havia muitas crianças lá no dia. As 74 que passaram

por lá nesse mês, ou as 718 que estiveram este ano até agora, devem ter se divertido com os hambúrgueres caindo do céu. Ao menos, é o que eu espero.

"Quem não troca um prato de comida por uma guloseima?". Para Angela Maria Lobato pediatra há quase 40 anos, a cultura da alimentação fast food está gerando crianças obesas, hipertensas, diabéticas - e tudo isto incentivado também pela mídia. "Hoje, tudo envolve comida, e da pior espécie. Você não vê por aí propagandas de arroz, feijão, legumes ou verduras. Você vê de lanches, refrigerantes, doces...".

Junto com a alimentação rápida vem as complicações. "O que complica mais são os problemas emocionais das

crianças que não são bem aceitas pelos colegas. A criança se retrai e come mais devido a ansiedade e insatisfação consigo mesma. Muitas vezes é necessário a ajuda de psicóloga", completa Lobato.

A empresa não vai nada mal. A própria McDonalds divulga números bem expressivos: 1.200 pontos de venda no Brasil, 48 mil funcionários, R\$ 3,3 bilhões de faturamento em 2008. O que mais assusta são os 1,6 milhões de clientes atendidos diariamente. Seja num quiosque de sorvete do Morumbi ou no único restaurante da franquia no Piauí, todos contribuem para deixar o sr. Ronald mais vermelho e amarelo.

Os restaurantes McDonalds da Grande Florianópolis

uniram-se no dia 29 de agosto para uma meta: vender Big Macs. É o "McDia Feliz": toda a renda arrecadada na venda dos sanduíches vai para a AVOS. A arrecadação de 2009 foi de mais de R\$ 255 mil. Esse dinheiro será destinado para a construção da nova Casa de Apoio: local de acomodação de pacientes não internados (mas ainda em tratamento) e parentes. Com as obras, a casa passará a abrigar de 30 a 60 pessoas por dia. Além disso, a instituição construirá em breve uma "Classe Hospitalar" - sala de aula para que as crianças internadas não percam o semestre letivo.

Dois dias

Julie Philippe

Uma das histórias foi inventada. A outra não.

Stephen Hawking abriu os olhos. Respirou fundo. Mas que cheiro estranho tem essa rua', pensou. De sua cama no Sofitel mais bem posicionado da rede, de frente para o mar na avenida mais nobre da cidade, ele pensou em como sua decisão tinha sido acertada. Cansado do circuito das grandes universidades do mundo, decidira viver suas últimas décadas numa cidade relativamente pequena, desfrutando de pequenos prazeres e sentindo o cheiro do mar. 'Que bom que a cidade toda não tem esse cheiro', pensou de novo. Ouvia o despertador de seu secretário tocar no quarto contíguo.

A família acorda às 5h da manhã. Há que se tomar café, e são cinco pessoas. Tomar banho, e é apenas um chuveiro. Também deve-se tomar os cuidados com filho mais velho. Paralisado cerebral, o rapaz conserva as faculdades mentais intactas, mas praticamente não controla os movimentos do corpo. Não mastiga nem consegue falar, tampouco escrever. Começou, às 5h, um dia importante para esta família. O dia em que o filho mais velho vai fazer seu primeiro vestibular.

Limpo, vestido e paramentado, Stephen Hawking aguarda a prova. Não se cansara de ser professor universitário, mas da badalação dos grandes centros. Já era tempo de ele dividir seu impressionante conhecimento com os habitantes dos países em desenvolvimento. E é por isso que ele agora aguarda a prova para tornar-se professor nesta universidade de cidade pequena. A ele será aplicada uma prova especial, já que seu mecanismo de escrita é diferente do dos outros candidatos. Seu equipamento, desenvolvido pelo Massachusetts Institute of Technology, permite que ele escreva, mas via computador.

O filho mais velho vai fazer a prova numa sala separada. Como não controla os músculos da respiração, nem os espasmos que seu corpo tem de vez em quando, emite sons

involuntários, o que poderia atrapalhar outros candidatos. Ele também só consegue, com muito esforço, balançar a cabeça para indicar 'sim' ou 'não'. Por isso, a pessoa destacada para auxiliá-lo na resolução do vestibular deverá formular questões em voz alta. 'Aqui tem que multiplicar?'. 'Somar?'. 'Tirar a raiz quadrada?'. É uma experiência nova para ambos. Ela, embora pedagoga, nunca o vira antes. Ele, embora aluno, nunca respondera a uma pergunta dela. Nem com 'sim', nem com 'não'. Do lado de fora da sala, os pais estão quietos. Há 22 anos não deixam seu filho mais velho tão sozinho com desconhecidos.

Fugiram. Dos quatro que prestariam a prova, dois fugiram ao ver que ele estava lá. Se pudesse, Stephen Hawking teria rido. Apenas um dos candidatos ficou, um jovem de cabelos oleosos e meio míope. O reitor da universidade viera recebê-lo na entrada do Departamento de Física, devidamente escoltado por outras autoridades da instituição, pelo prefeito em exercício, alguns vereadores e vários repórteres. Visivelmente constrangido, o reitor pediu desculpas pelo regulamento da universidade, que obrigara um intelectual de capacidades absolutamente comprovadas a realizar uma simples prova de concurso público.

O filho mais velho está prestes a completar a quinta linha da redação. Está tentando montar a palavra 'discriminação'. O tema do texto são as cotas para estudantes negros e oriundos de escolas públicas nas universidades. A pedagoga vai enunciando as letras do alfabeto. Quando ela disser a que ele quer usar, o rapaz acenará um sim com a cabeça. 'É vogal?'. Pausa. 'É consoante?'. Cabeça para frente e para trás. 'B', 'c', 'd'. Cabeça para frente e para trás. 'É vogal?'. Cabeça para frente e para trás. 'A', 'e', 'i'. Cabeça para frente e para trás.

Instalado no carro alugado, Stephen Hawking está cansado. Não que a prova tenha sido difícil, longe disso. São os efeitos do longo voo que o trouxe para esta cidade pequena. Obviamente, fora aprovado. O outro candidato, o de cabelos oleosos, tinha se enganado, estava na sala errada. Queria mesmo era prestar a prova para professor substituto de história.

Os pais estão no corredor. Desde as 14h30 daquele dia eles não sabem como está o filho mais velho. Se tem fome, sede, dor no pescoço de tanto colocar a cabeça para frente e para trás. Tampouco sabem se ele quer ir embora ou ficar. Liga o outro filho. Mesmo sem certeza, respondem que está tudo bem.

Stephen Hawking odeia revisar seus próprios livros. Orgulha-se muito do que escreve, sim, mas sempre que termina de escrever, dá a tarefa por concluída. Seus parceiros na universidade anterior, os únicos capazes o suficiente para detectar enganos nos complexos raciocínios de sua próxima obra a ser publicada estão longe e, a esta hora, dormindo. Suspira e continua revisando.

Acabam-se as onze horas de prova concedidas ao filho

mais velho. Ele quer muito continuar, mas o fiscal sonolento recolhe seu gabarito e a folha da redação. Na última vez que o filho mais velho vê sua folha de redação, ele fixa na memória um número. 18. O mínimo de linhas que a redação deve ter para que seja corrigida é 25. Sem alcançar este mínimo, não há como passar no vestibular. Thiago suspira. Os pais são autorizados a entrar na sala. Conversam um pouco com ele, abraçam e perguntam se está tudo bem. A pedagoga conta que ele só conseguiu escrever 18 linhas da redação.

De volta à cama do Sofitel, Stephen Hawking pensa no que ainda tem para fazer antes de mudar-se para esta cidade. Receber meia dúzia de prêmios, entre eles seu primeiro Nobel. Encontrar uma casa, adaptá-la. Tem também que comparecer ao casamento de um ex-aluno. Stephen Hawking adora casamentos.

O filho mais velho está de volta à sua cama. A família toda está falando baixo, parece até que ele está ouvindo tudo mais baixo. Seu Joelho ainda se lembra da torção daquela tarde, mas até esta dor parece vir de longe, como a fala dos pais. Vai cursar algumas matérias como aluno especial, o que é permitido a quem não tem matrícula na universidade até o limite de 500 horas/aula. Amanhã ele vai levantar mais tarde, ao que tudo indica. Não há mais vestibular a se fazer, por pelo menos um ano.



Quando a atenção faz falta

Gabriela Bazzo

O dia-a-dia, as dificuldades e a importância do diagnóstico e do tratamento do TDAH. O transtorno, afeta 6% das crianças e 60% delas levam a dificuldade para a vida adulta.

Os olhos inchados denunciavam uma noite mal dormida. "Desculpe, é que eu virei a noite, terminando meu TCC", explica-se já rindo. Embora o bom humor lhe seja habitual, a risada é por outro motivo: seu sono, de certa forma, já faria parte da nossa conversa. Diogo Bertussi tem 22 anos, faz duas faculdades, sempre foi bom aluno. Há pouco mais de um ano, ele descobriu que possui o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que afeta cerca de 6% da população, sendo que dois terços dos portadores são do sexo masculino.

O desempenho de Diogo na faculdade começou a cair após os primeiros semestres da graduação. Além da maior complexidade dos conteúdos, o fato de "a novidade ter passado" também contribuiu. Nos semestres de calouro, toda a turma se reunia para estudar junta na biblioteca universitária. Com a rotina e os estágios, cada um passou a estudar por si.

A desconfiança sempre existiu, mas cresceu após algumas reprovações na faculdade. O motivo não era a falta de esforço. "Eu me esforçava muito, inclusive mais do que o habitual, e não via resultado. Isso foi abaixando minha auto-estima." O TDAH desenvolve-se apenas na infância. O adulto pode apresentar sintomas de desatenção sem, no entanto, ser portador do transtorno. Cerca de 60% das crianças com TDAH levam a dificuldade para a vida adulta.

Desde pequeno, ele tinha fama de estabonado. "Eu vivia quebrando e derrubando coisas. Além disso, esquecia e perdia vários objetos em passeios de escola e até mesmo no dia-a-dia". Diogo também sempre foi bom aluno, mas não tinha um desempenho excelente. "Eu começava o ano em baixa na escola, principalmente em matemática. Depois, com a ajuda do meu pai, ia melhorando."

Os portadores do TDAH não apresentam nenhum prejuízo intelectual. "Muito pelo contrário, eles normalmente estão na média, ou até acima da média. O que dificulta o rendimento escolar é o nível de atenção e a qualidade da atenção concentrada", explica a psicopedagoga Márcia Fiates. Atualmente, nas escolas, alunos com o transtorno diagnosticado podem fazer avaliações diferenciadas. Essas avaliações consistem em provas que "aproveitem" melhor o potencial do aluno com TDAH e não façam com que esses alunos sejam prejudicados.

Diante do TDAH, muitos se perguntam como Diogo passou no vestibular. "Eu nem estudava tanto. Se olhar minhas apostilas, têm poucos exercícios feitos, mas em uma aula que me prendia muito a atenção, eu aprendia até mais do que a média". Ele se refere às aulas interativas e, quase performáticas, do cursinho pré-vestibular que frequentava.

É muito importante, na rotina de qualquer pessoa que apresente sintomas do TDAH, a presença de organizadores externos. O organizador pode ser um professor atento ao aluno, um pai que auxilie nas tarefas, ou um relógio que desperta lembrando daquilo que deve ser feito. Durante a infância de Diogo, seu pai teve um papel fundamental na sua vida escolar. "Não que ele fosse excessivamente rigoroso, mas ele estava sempre ali, perguntando se eu tinha feito as tarefas, e cuidando do tempo que eu ficava jogando videogame." lembra.

Sábado típico de verão em Florianópolis. Sol e muito calor. Os planos de Diogo são outros: passar o dia estudando, e terminar a primeira etapa do trabalho de conclusão de curso, que deverá ser entregue em poucos dias. Para aproveitar a bela tarde, o vizinho resolve fazer uma festa. E a música alta impede Diogo de estudar. Para

ele, é impossível se concentrar nos livros. Sua atenção fica direcionada para o som alto, a mãe que faz comida, a irmã e a amiga que tomam sol.

Isso acontece porque o portador do TDAH apresenta dificuldade em três esferas de atenção. A primeira é a atenção concentrada, que impede que o cérebro preste atenção o tempo todo na mesma coisa. A segunda dificuldade está ligada à atenção dividida, que torna mais difícil que sejam feitas duas coisas ao mesmo tempo. E a terceira é a atenção seletiva. O cérebro de quem tem TDAH não sabe hierarquizar os estímulos e dirigir a atenção. É essa combinação de fatores que faz com que Diogo não consiga se concentrar nos livros. "Meu cérebro não consegue filtrar e direcionar a atenção para o estudo. Eu fico mais ligado na música ou no barulho da TV, ou ainda no que acontece na rua".

Para Diogo, o pior do TDAH é o fato de ele perder muitas coisas, inclusive tempo. "Esqueço molefom, celular, carteira, chaves o tempo todo. Isso me deixa muito irritado". Em 2007, quando morou no exterior, em quatro meses, foram três celulares perdidos. "Lá era ainda pior, porque não tinha quem me ajudasse, e o fato de estar fora de casa tornava as situações mais complicadas".

A dificuldade em lidar com o tempo e com prazos é outra característica marcante de adultos e crianças com TDAH. "Se eu vou sair e tenho meia hora para me arrumar, eu acho que dá para fazer tudo. Quando eu vejo, eu perdi a noção do tempo, faltam cinco minutos e eu estou atrasado."

O transtorno também interfere nas relações pessoais. A irmã que fica irritada, a mãe que se decepciona, a namorada que acha que os atrasos são descaso. "De vez em quando minha irmã fica braba, porque tem que alterar a rotina dela em função dos meus esquecimentos", explica Diogo.

Com a terapia, Diogo ficou "cem por cento". Dessa forma, foi possível identificar o transtorno como uma condição que não era temporária. "Existem várias pessoas que apresentam os sintomas do transtorno

durante algum tempo, mas não necessariamente possuem o TDAH", explica. No caso de Diogo, o TDAH foi diagnosticado quando ele começou a dormir bem, se alimentar corretamente e levar uma rotina "perfeita". Ainda assim, a desatenção e o baixo rendimento escolar persistiam.

Embora seja um caso de "diagnóstico tardio", Diogo explica que, por descobrir o TDAH mais tarde, pôde lidar melhor com o problema. Quando foi procurar ajuda ele já esperava e, de certa forma, desejava descobrir a origem da desatenção. "Queria saber o que acontecia, que não era burrice ou falta de empenho".

Entretanto, a maioria dos profissionais reconhece e ressalta a importância do diagnóstico precoce do transtorno. "O TDAH é uma das doenças mais pesquisadas hoje em dia, e podemos dizer que o que funciona melhor é a medicação, o diagnóstico precoce e a psicoterapia", explica Márcia. A importância do diagnóstico precoce, segundo ela, é a possibilidade de mudar, o quanto antes, aspectos importantes da vida do portador. "Com o diagnóstico tardio, embora haja mais maturidade, fica mais difícil criar novos padrões de organização."

Quando foi diagnosticado, Diogo começou a fazer o tratamento com medicamentos. A primeira tentativa foi com o remédio Ritalina. Segundo o psiquiatra Marcelo Calcagno, a Ritalina é a primeira opção para pacientes diagnosticados com TDAH. "Entre as opções no mercado, é o remédio com maior eficiência, chegando a uma melhora de 60% a 80%." Além disso, a Ritalina não apresenta tantos efeitos colaterais, e segundo Marcelo, já é usada há mais de 50 anos. Além disso, é o remédio mais em conta. Entretanto, Diogo não se adaptou à Ritalina. "Eu tinha que tomar uma cápsula a cada quatro horas, e o efeito vai crescendo, chega ao ponto máximo e depois reduz gradualmente. Desse jeito, eu tinha um pico de atenção que me deixava desorientado e, quando o efeito estava no final, não sentia mais nada".

Após outras tentativas frustradas, Diogo encontrou a medicação adequada: o Concerta.

O remédio custa três vezes mais do que a Ritalina: o gasto mensal com o Concerta é de 600 reais. Essa medicação tem o mesmo princípio ativo que a Ritalina. A diferença está na tecnologia da cápsula. "Esse medicamento tem duração de doze horas, não apresenta muitos efeitos colaterais e aumenta a adesão do tratamento. Para pacientes com TDAH, é mais fácil tomar uma cápsula por dia do que três", explica Marcelo.

Diogo conta que até achar o remédio e a dose ideal, foram vários meses de tratamento. "Acertei o remédio definitivamente em setembro. O resultado deve vir agora, com o final do semestre na faculdade, e as notas finais."

Para melhorar as notas, Diogo contou também com a ajuda de uma pedagoga durante o segundo semestre desse ano. "Ela me ajudou muito, não só com a questão escolar, mas com a organização do meu cotidiano". Os lembretes do telefone celular, os post-its espalhados pelo quarto, são pequenas coisas que o ajudam a se situar no tempo e realizar tarefas simples com mais tranquilidade. As coisas que o tratamento não conseguiu mudar, Diogo passou a lidar de forma diferente. "Eu sei que não vou estudar com antecedência, então preciso organizar meus dias de forma que, na véspera da prova, eu não tenha nenhuma outra coisa com que me preocupar".

O TDAH também fez com que Diogo repensasse as escolhas profissionais. Como não consegue lidar bem com prazos e com o tempo, fica difícil para ele desempenhar uma função que necessite atenção com o tempo e cobranças. "Quando assumi um papel de ter que cobrar dos outros, não fui bem, porque não cobro nem de mim". No entanto, a maturidade fez com que ele descobrisse suas habilidades, que podem ser reforçadas pela hiperatividade cerebral que lhe é característica, faz com que sua criatividade seja bem desenvolvida e permite que Diogo tenha mais idéias do que outras pessoas. "Descobri que posso ser sim uma liderança, mas mais voltado para o espírito de equipe, para a criatividade e para as boas idéias".

O brasileiro que descobriu vida em Marte

Fernanda Espíndola Lucas

Ninguém lembra com quantos anos chegou ao auge. Alguns dizem 35, outros 37. O fato é que, antes dos 40, ele chegou. Conheceu Elba Ramalho ainda jovem, com 18 anos. Mas foi com mais ou menos 22 que se tornaram amigos, quase íntimos, e ele a respeitava muito. Quando tinha alguma crise, ia para a casa dela e conversavam por muito tempo, até que ele se acalmasse. Em uma dessas vezes, subiu no prédio em construção ao lado da casa de Elba e pulou na areia usada na obra. Fez isso repetidas vezes e somente ela conseguiu fazê-lo parar. "Essa Elba Ramalho não me deixa fazer nada", ele me disse antes de ir pra casa", relembra a artista.

Na mesma época começou a trabalhar na marinha e, assim como o pai, era do alto escalão. Foi a primeira pessoa a saber da invasão norte-americana na capital catarinense e, preocupado com os moradores do seu bairro, alertou-os. Fardado – com uma roupa que mais aparentava do exército que da marinha – saiu às ruas gritando que era "necessário deixar a cidade imediatamente, pois os capitalistas do norte invadem nosso país", conta um antigo vizinho que ouviu o alarde de dentro de casa e, assustado, saiu para ver o que acontecia. Talvez por ser verão aqui no sul e o sol estar escaldante, o país do norte, felizmente, desistiu do ataque e a cidade não precisou ser evacuada.

Pelo excelente trabalho prestado à marinha brasileira conseguiu o mais importante de seus empregos: o de cientista da NASA. A agência montou um laboratório na casa dele para que realizasse com mais eficiência suas pesquisas. Foi ele que descobriu a vida em Marte. Seres pequenos, de no máximo 50 centímetros, cuja parte superior do corpo era de um coelho e a de baixo, humana. Não falavam nenhum idioma terráqueo, por isso o primeiro contato foi difícil. Mas como ele sempre gostou de animais, logo aprendeu o dialeto dos marcianos, e descobriu que eram seres adoráveis. "Infelizmente não posso mostrá-los a você, menina, pois é um segredo do Estado Americano. Só te conto porque você é

neta da Elba, e confio em vocês", me disse quando eu era jovem e passava as tardes com minha avó. A maior dificuldade que teve nos tempos que trabalhou para a NASA era encontrar alimento para os coelho-homens, pois só na Amazônia era o único lugar na Terra onde existia o tubérculo que comiam, e a burocracia para trazer o alimento era imensa.

Pouco depois de descobrir a vida em Marte, ele sumiu, mais uma vez, do bairro. Era outra internação, que duraria três meses. Quando Toninho – como era conhecido – chegava nestes estágios de alucinação, sua mãe, dona Laura, era obrigada a levá-lo para a Colônia Santana. Tinha desistido do tratamento privado anos antes. "Foram oito anos em médicos particulares. O doutor sempre dizia: 'agora ele fica bom, é só não usar mais drogas'. Chegava em casa e passava semanas desenhando, mas sempre vinha alguém oferecer e lá ia meu filho de novo".

Dona Laura não sabe com quantos anos o filho começou a se drogar, mas imagina que tenha sido aos 18 ou 19. Ela, o pai e os irmãos só ficaram sabendo quando, em uma tarde, ele desmaiou e foi levado para o hospital. Lá, o médico disse que o desmaio se devia ao consumo de drogas. "Foi um choque. Ele era um rapaz muito inteligente, bonito e amoroso. Desenhava muito, sabe? Mas a curiosidade foi maior", lamenta a mãe. De fato, a descrição dela é compatível com a dos vizinhos: foi um jovem bonito e inteligente. E muito carinhoso com a família, apesar das diferenças que tem com o pai.

Tenente da Marinha de Guerra aposentado, o pai, seu Arnaldo, sempre exigiu muita disciplina, e não gostava que o filho desenhasse. Mas Toninho insistia. Graduou-se com louvor em Desenho Humorístico na Promotora Profissional Brasileira, em 1979. Desenhava de tudo: a Ponte Hercílio Luz, cenas rurais, paisagens, desenhos abstratos. Também esculpia em argila e entalhava madeira. Era muito criativo e talentoso, imaginava situações e as reproduzia da forma que julgasse mais adequada. Ven-



dia seus trabalhos em frente a sua casa, do outro lado da rua, até que um dia o pai queimou todas as obras.

De 1976 a 1987, usou todo o tipo de droga: maconha, ácidos, cocaína, crack. Extremamente viciado, chegou a diluir e injetar Neocid nas veias. Com 27 anos, aposentou-se por invalidez do supermercado onde trabalhava como publicitário e foi diagnosticado psicótico. A psicose – estado mental em que há perda de contato com a realidade e causa desorganização psíquica como a paranóia, inquietude motora, sensações de angústia e opressão e insônia – tinha alucinações constantemente, e por isso virou chacota dos jovens do bairro.

Tomava tudo o que lhe dessem para tomar (inclusive Chocolate com molho de pimenta). Sentia medo de alguns vizinhos (como o "coronel", marido de Elba) e flagelava o próprio corpo, principalmente a cicatriz no dorso da mão, que marca uma das veias que usava para se drogar. Como diz sua mãe, ele só fez mal a si mesmo. Nunca foi agressivo com ninguém, nunca roubou nada. "Todos conhecíamos o Toninho, e ninguém tinha medo dele. Apesar de tudo, ele nunca roubou nada de ninguém, nem foi violento. Era bem medroso, até", conta Francisco, um antigo vizinho. "Uma vez tinha um pessoal ali no bar da esquina tomando cerveja e

o Toninho ia e vinha da casa dele e dizia que ia matar todo mundo, brigava com o pessoal. Ninguém dava bola. Numa dessas vindas, alguém derrubou um copo de cerveja e todos se levantaram, no reflexo, ele saiu correndo assustado, gritando: 'eles vão me matar, eles vão me matar' e ficou no portão da casa dele rogando praga pro pessoal. A verdade é que aqui todo mundo se divertia com as loucuras dele." As únicas coisas que roubou, eram do pai – e para usar. A psicose o fez perder o medo pelo tenente, e ele vestia as roupas do pai, tirava a boina dele para irritá-lo e escondia as coisas de higiene pessoal apenas para divertir-se vendo seu Arnaldo procurando tudo.

Apesar de não ter sido preso, não gostava da polícia. Muitas vezes, quando precisava ser internado (foram mais de 20 internações em 51 anos), dona Laura precisava chamar a polícia ou os bombeiros. "Eu sou uma senhora, ele era um rapaz forte e não queria ser internado. Que saída me restava?" Mas também nunca resistiu à internação ou qualquer tratamento a que fosse submetido. Inclusive, nos momentos de lucidez, dizia para a mãe fazer o que fosse preciso quando seu estado estivesse crítico. "Sempre foi muito carinhoso comigo, sabe? E obediente. Quando ele me vê ele sempre diz: 'quando

a mãezinha morrer, eu quero morrer com a mãezinha. Não quero ficar sozinho neste mundo." Adorava presentear com animais – inclusive dois jabutis – e plantas. E ajudava-a a cuidar do jardim com presteza. Também tinha muito carinho – e respeito – pela irmã, Cristina. A mãe conta que dos quatro filhos que teve, foi o único que chorou a morte dela, três anos atrás, por câncer.

Hoje, com 51 anos, não mora mais com os pais. "Aqui não dá. Sempre tem gente oferecendo coisa e eu estou com 88 anos, não tenho mais condições de cuidar." Ele vive com uma família evangélica – como a mãe – e a aposentadoria que ganha ajuda a pagar pelo seu tratamento (de 4 mil reais por mês). A paixão por animais e crianças persiste. "Quando ele está lúcido, ajuda o filho da moça que cuida dele a fazer raiz quadrada. E faz os trabalhos de artes por eles. Sempre tira dez", orgulha-se dona I.

Toninho foi um homem intenso, queria experimentar tudo o que pudesse. Expressava suas experiências, seus desejos e sentimento através da arte. Mas não produziu apenas quadros, peças de argila e de madeira. Durante toda a vida desenhou e esculpiu a própria realidade. Criou o mundo ilusório, um Marte único, com seres só conhecidos por ele, em que viveu – e vive ainda hoje.

Bolshoi, Merlot e Tourette

Carolina Pompeo Grando

O garoto foi batizado Grecco de Leon Pompeo Caon. A origem é italiana, mas a justificativa, segundo o próprio, "é ordinária e sem graça": a mãe gostou de Grecco quando ouviu o nome pela primeira vez em uma novela; o pai acrescentou De Leon em homenagem a um tio querido.

Grecco é um menino muito bonito, alto e magro, mas forte e todo "durinho", como ele mesmo gosta de dizer (e mostrar, oferecendo o abdômen e o bumbum para uma leve cutucada comprovadora). Tem grandes olhos castanhos emoldurados por grossas sobrancelhas e cílios longos, que diariamente recebem várias camadas de rímel.

Para um garoto de 18 anos, tem hábitos e gostos sofisticados: toca piano e violino, música clássica é o que mais lhe apetece aos ouvidos e, ao invés da geralmente sonhada carteira de habilitação, preferiu fazer um curso privado de pilotagem de aviões. "Para que eu iria querer aprender a dirigir? Isso, se for o caso, eu aprendo depois. O que eu quero é voar!", justificou, empostando a voz e fazendo uma espécie de reverência com as mãos. Possui uma cabine simuladora de voo completa: manche, throttle, switch panel, rudder pedals, e outros apetrechos utilizados em treinamentos profissionais de pilotagem. Se os aviões e a música são paixões, o amor de Grecco é todo devotado à dança.

Aos 14 anos, Grecco matriculou-se em aulas de ballet clássico. Apesar de ter começado tarde, entendeu rapidamente que era aquilo que queria para sua vida. Dois anos depois, descobriu por acaso que o Teatro Bolshoi abria audição para novos alunos e resolveu arriscar. "Comecei a dançar tarde e já era velho para o Bolshoi, então me inscrevi para experiência...E de fato está sendo uma e tanto!". Grecco foi aceito e entrou na quinta série da Escola de Teatro Bolshoi em Joinville.

Grecco é considerado grande demais para o ballet clássico. Sua estrutura óssea é larga e pesada, ele não possui coló de pé (quando o pé faz quase um C) e nem tem os joelhos hiperestendidos (quando a panturrilha faz uma meia-lua) – características físicas ideais para bailarinos profissionais. No entanto, tem surpreendente domínio da téc-

nica e antes de completar um ano de Bolshoi, foi chamado para integrar o corpo de baile das apresentações que percorrem o país.

A rotina de Grecco é puxada: todas as manhãs vai à academia, às 14h chega à escola e, até 21h faz aulas de alongamento, ballet clássico, dueto, repertório ou contemporâneo e ensaios. Tantos horas diárias de atividade física intensa lhe renderam uma artrite reumatóide e artrose, doenças que geralmente acometem pessoas mais velhas e podem comprometer seu desempenho no ballet. Para suportar a dor, toma remédios diariamente. Outro sacrifício é a alimentação. Grecco é um garoto magro, mas não o suficiente para o ballet. Para atingir o peso ideal, contabiliza cada mísera caloria.

Mas esses sacrifícios são pouco para Grecco. O ballet trouxe à sua vida mais do que a descoberta do que lhe dá prazer, mas foco para superar uma doença crônica que desenvolveu muito cedo e que, durante vários anos, comprometeu seu desenvolvimento.

Grecco tem a Síndrome de Gilles de La Tourette, desordem neurológica e neuroquímica que provoca inúmeros tiques, manias e reações involuntárias. A primeira crise aconteceu abruptamente: com oito anos, em um recital escolar, começou a chorar e gritar muito. Levado ao hospital, passou dias delirando e sofreu de amnésia temporária. Seus pais procuraram em todo o país por médicos que soubessem identificar a doença, que é muito rara. Durante meses, o menino foi submetido a inúmeros exames e, finalmente, uma médica de São Paulo conseguiu diagnosticar o problema.

A síndrome foi resultado de um tratamento errado. Um ano antes da primeira crise, Grecco foi levado ao pediatra porque era agitado demais. A médica receitou um remédio na época em teste e hoje banido por provocar efeitos colaterais irreversíveis, um antidepressivo que agia diretamente no sistema neurológico e pretendia controlar ansiedade e hiperatividade. O remédio desencadeou a síndrome e, com ela, inúmeros tiques nervosos, movimentos involuntários, perda de memória, delírios, fala

descontrolada e perda de coordenação motora – por alguns meses, Grecco não conseguiu escrever nem utilizar talheres, e até hoje seu vocabulário é repleto de palavrões, mas não é voluntário: um dos tiques mais comuns de Tourette é a repetição de palavras e gestos que provoquem reações de choque.

Essas lembranças pertencem aos pais do garoto, ele próprio lembra-se de pouquíssimos eventos que ocorreram antes de iniciar o tratamento correto. "A noite da primeira crise é praticamente toda a lembrança que eu tenho dos oito aos dez anos. É difícil falar disso, porque não segue uma linha cronológica na minha cabeça, tenho lembranças soltas, geralmente de delírios, porque não conseguia discernir realidade de fantasia. É muito confuso", contou.

A Síndrome de Gilles de La Tourette não tem cura. O tratamento é individualizado e deve ser feito durante a vida toda e, ainda assim, serve apenas para amenizar os sintomas. O caso de Grecco é acompanhado pela Academia Nacional de Desenvolvimento Humano, porque é o paciente que apresentou maiores avanços entre as pessoas que possuem Tourette no Brasil. Por conta dos problemas motores e do déficit de atenção decorrentes da síndrome, dançar ballet clássico é sempre um desafio. Hoje, suas manifestações se dão através de manias e fobias que se renovam de tempos em tempos: meses atrás, era fobia de formigas, hoje é obsessão por simetria.

Mas entre um tropeço e outro, a vida é divertida. Sem meias-palavras, ele narra as noitadas regadas a bebidas (prefere Merlot e tequila), cigarros e, eventualmente, outras drogas ilícitas das quais participa mais de uma vez por semana acompanhado de colegas do Bolshoi. "Comportados? Bailarinos? Definitivamente não. Essa idéia provavelmente vem do fato de a dança clássica ser tão exata e depender tanto de disciplina e esforço para que os resultados sejam tão bonitos. Mas não, somos todos artistas e não gostamos de regras. Bebemos, fumamos, saímos e sempre conciliando tudo com o ballet. Deixamos de comer para emagrecer, mas não



de beber. Deixamos de dormir para sair, e haja café e Red Bull para levantar cedo e se alongar. Somos todos assim, começa geralmente ali pelos 13, 14 anos, pelo menos no Bolshoi", diz.

A dança o levou a conhecer um mundo bem mais liberal do que imaginava encontrar na escola de ballet mais tradicional do mundo. Foi ali que pôde expressar e oficializar sua homossexualidade e teve as primeiras experiências sexuais: com um, dois e até três parceiros, nem sempre todos do mesmo sexo. "Aprendi muitos jeitos novos de me divertir com alguém e me livre de vários pensamentos moralistas".

A maturidade de Grecco sob alguns aspectos contrasta-se com a imaturidade em outros. Ele é voluntarioso e inconstante: faz tudo do seu jeito no momento em que tem vontade. Os pais protestam diante das irresponsabilidades, mas é mais por hábito do que pelo efeito que os puxões de orelha surtem. Grecco só ri, emposta a voz e responde, quase rodando a baiana, que nasceu para os palcos e por isso vive dando show.

Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

Luiz Knihis

Dos 68 casais açorianos que chegaram à ilha de Santa Catarina em 1752, a maioria quase absoluta era de agricultores. Homens: 55 lavradores, 4 pedreiros, 2 estudantes, 2 pescadores, 1 carpinteiro, 1 barbeiro e 1 alfaiate. Mulheres: 46 fiadeiras, 6 tecedeiras, 2 costureiras e 1 lavadeira. Agora, quem daí tinha o poder de benzer, já não se sabe exatamente. A cultura açoriana trouxe à Florianópolis a tradição da benzedura, que se instalou aqui até hoje. No imaginário ilhéu, o sobrenatural se confunde com o terreno de macumba e as potestades, ou os anjos caídos, intercedem a todo instante na vida dos homens. As benzeduras estão presentes para curar doenças e afastar os males. Curar aquilo que os médicos não dão jeito. - Eu quero é benzer - disse Mantina à mãe.

Onze anos de idade Dona Mantina hoje mora num casarão no bairro do Itacorubi, em Florianópolis. Filha de mãe benzedora e pai argentino, criou-se ao redor da Lagoa da Conceição e montou sua casa no Córrego Grande, região onde hoje é a estação da Celsc. Dona Mantina começou rezando duas benzeduras: a de zipra e quebranto. Cada uma age para um malefício diferente, mas o resultado é sempre o mesmo: afastar o mal e perpetuar o bem. A de zipra ajuda a curar uma eventual vermelhidão que aparece no corpo, geralmente quando alguém torce ou machuca alguma parte do corpo, já o quebranto é o mau olhado: todas aquelas energias ruins que recebemos na vida.

A casa em que Dona Mantina reside, em frente a um colégio público da bairro, não é mais tão movimentada como antes. Quando morava no Córrego, ela benzeu pessoas dos mais diversos lugares: Canasvieiras, Barra da Lagoa, Ribeirão da Ilha. "Vinha gente de tudo quanto é lugar da Ilha, às vezes até de outras cidades", conta a benzedora. Como ficou tão conhecida nem ela sabe, mas desconfia que o boca-a-boca da cidade e a sua infalível reza foram os motivos para que, até hoje, as pessoas ainda a procurem para afastar as coisas ruins. Completou esse ano 85 primaveras. Não existiu nenhuma divindade ou uma visão sobrenatural que baixou em Dona Mantina, ela simplesmente soube que ia ser benzedora e que era aquilo que ela tinha que fazer. Quando completou onze anos de idade, ela chegou à mãe e falou: eu quero é benzer.

Dona Célia Silva mora no Ribeirão desde que nasceu - As pessoas que ainda benzem são em sua maioria todas mais

velhas. Ninguém mais quer saber de nada disso. Aqui no Ribeirão, quando a criança ficava com ronqueira e cansadinho do peito, a gente botava um pouquinho de café, pingava três gotas dentro da cachaça e passava no peito pra melhorar. E melhorava. A época era diferente, para ir ao médico não se tinha condição. Faltava dinheiro e quando se tinha, faltava condução. Médico por aqui? Nunca aparecia. Quando veio o ônibus, melhorou um pouco. A condução era do seu

Norberto, saía às 7h e voltava às 18h. Quase sempre tínhamos que retornar ao consultório e o médico reclamava. É doutor, mas o remédio não estava resolvendo. Recebíamos meia dúzia de comprimidos e pronto. Até hoje? Sim, eu acredito nas minhas gotas de café na cachaça. Tente você também.

A cultura popular de Florianópolis tem sido confundida apenas com cultura açoriana. Existe na ilha uma formação cultural própria e local, que se desenvolveu a partir de influências diversas. Em benzeduras, a cultura é açoriana, mas também foi agregada com os últimos a habitarem o litoral catarinense antes da ocupação dos estrangeiros: os itararés e guaranis. A extinção desses povos se deu devido à escravização, mas também pela forte disseminação das doenças de brancos que os índios não possuíam imunidade. Principalmente



Luiz Knihis



Luiz Knihis

os guaranis - que também são conhecidos como carijós - deixaram como herança a homeopatia e os chás de folhas e ervas. Desde sempre, quase todas as benzedoras usam as ervas e folhas durante a reza. No livro as Crônicas de Cascaes, de 1979, Franklin relata quase vinte benzeduras. A maioria é feita sim com utensílios e ervas. Mas algumas também apresentam só as rezas. Em questão de benzedura, nada é via de regra. O importante é ter a fé daquilo que se quer curar.

A moça que pisar no rabo de um gato nunca se casará Depois que completou os onze anos de idade, Dona Mantina aprendeu com a mãe a reza da benzedura da zipra e do quebrante. A reza sim, pois benzer se aprende sozinho. "É algo que a gente simplesmente sabe", conta. Diferente de outras benzedoras, Dona Mantina não usa apetrechos, como facas afiadas, ela usa apenas a reza e a fé. Isso não descaracteriza as outras benzedoras, mas o poder de cada pessoa vem de dentro dela mesma. Durante bons anos, Mantina benzeu dentro de hospitais, como o Infantil e o Nereu Ramos. O médico dava o consentimento e ela ia benzer no local. Para ela, não existe lugar propício para a benzedura, pode ser feita em qualquer lugar, desde que tenha fé e acredite no que está fazendo. No meio de seus vinte anos, Manti-

na aprendeu a benzer de arca caída. Geralmente são dores ou aquele mau jeito na costas. Para adultos, o mal vem carregado dos assuntos não resolvidos em vida. Para crianças, o mal está instalado mesmo. Antes de benzer, é importante se certificar do que é: vira a pessoa de bruços e dobra o pé até as costas, caso não consiga, é arca caída. Em crianças, se um pé está maior do que o outro, é o mesmo mal.

Mantina hoje vive com suas filhas e seus gatos. Ali, a gente pode ficar tranquilo porque não tem cachorros não. A idade compromete as suas benzeduras, mas, para ela, a alegria é tamanha quando alguém ainda a procura querendo benzer. "Todos os que eu benzi até hoje, eu ajudei", abre o sorriso. "Não há tristeza maior do que alguém não deixar benzer". Dona Mantina, quando ainda morava no Córrego, conheceu uma criança que sofria com muitas dores. Ela sabia que era o mal da arca caída, mas não adiantou, a mãe não quis que ela benzesse a criança. Motivo? Ela não sabe. O menino se foi. Um tempo depois, a mãe a procurou, contando que seu filho morreu com um pé menor do que o outro. "Eu repito: Não há tristeza maior do que alguém não deixar benzer".

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. O sol e a lua que dá claridade no mar, o arca que estás caída Deus com suas mãos levantará e botará no seu lugar, em nome de Deus e da Virgem Maria (dizer três vezes na parte da frente, três vezes atrás e três vezes na frente). Jesus derramará seu sangue de cura e colocar estas arcas no seu lugar que nunca mais sejam descidas em nome de Deus e da Virgem Maria. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dança da alma

Iana Dias

Cena 1 - Você já deve ter assistido a um filme de época. Mulheres com vestidos armados que deixam apenas o colo à mostra e espartilhos que de tão apertados dificultam a respiração, cabelos impecavelmente arrumados em um coque trançado, brincos de pérolas e colares de brilhantes. Homens vestindo paletós pretos e camisas brancas, gravatas borboleta, sapatos perfeitamente engraxados, cabelos divididos ao lado e barba recém feita. A música começa a tocar, forma-se uma roda no meio do salão e os presentes se põem a dançar. Um homem jovem e elegante estende sua mão para uma bela donzela, convidando-a para bailar. Os dois entram na roda e, junto com todos, giram alternando os lados, cruzando e descruzando braços e pernas em uma coreografia complicada e divertida. Enquanto dançam, conversam e dão risadas. Alguns só assistem, outros fazem uma pausa para beber alguma coisa, não importa, enquanto há música, há gente dançando.

Cena 2 - Em uma sala de aula do segundo andar de uma universidade, as cadeiras e carteiras estão encostadas nas paredes. No meio há um grande espaço livre e em cima da mesa do professor, um aparelho de som. São 15h30 de uma quarta-feira - a última do mês. Pouco a pouco, mulheres entram na sala, vestindo roupas confortáveis, como saias longas e calças de malha. Colocam suas bolsas em cima das cadeiras e calçam suas sapatilhas. Conversam sem parar durante os 15 minutos que passam até finalmente estarem prontas. Vão até o centro da sala e posicionam-se, formando um círculo. Uma das mulheres aperta o play, a música que toca é suave, porém ritmada. No momento certo, elas se dão as mãos e começam a dançar. Todas juntas, giram alternando os lados, cruzando e descruzando braços e pernas, se aproximando e se afastando do centro da roda. O silêncio agora é absoluto, e a concentração é evidente no rosto de cada uma. Hoje a dança não é para conhecer belas garotas, ou para encontrar o seu futuro marido, e sim para fazer bem à alma.

Considerando todas as di-



Objetos que tenham algum valor para os dançarinos são colocados no centro da roda para manter o formato circular e servir como foco de atenção

ferenças de tempo, espaço e personagens algo ainda é comum às duas cenas - ambas retratam de pessoas dançando em rodas. A dança de roda é a mais primitiva forma de dança coletiva, acredita-se que sua existência remonte dos tempos paleolíticos. Esse estilo de dança inspirou muitos outros, desde a Idade Média, atravessando a Renascença, até chegar às valsas, polcas e mazurcas dos 1800.

Na primeira cena, os convidados da festa dançam para se divertir, para socializar e para exibirem o belo movimento de seus vestidos. Mais ou menos como acontece hoje nas boates... Mas nem sempre foi assim. A dança costumava a ter caráter ritual ou místico. Era dança para pedir por comida, dança para agradecer a comida, dança para celebrar o nascimento, dança para celebrar a morte, dança da chuva, dança do sol, dança do casamento, dança da guerra, dança da dança e por aí vai. Foi na Idade Média que as coisas começam a mudar. A dança emerge do meio do povo e ascende aos salões dos castelos para divertimento das classes sociais elevadas. E assim começa a perder seu caráter de comunicação com as divindades, com aquilo que acreditavam ser o responsável pela vida na Terra - ninguém vai hoje a uma boate para se comunicar com o ser superior...

Já a segunda cena mostra uma tentativa de resgatar essa peculiaridade da dança que se perdeu através dos tempos. As chamadas "Danças Circulares Sagradas" (esse é o nome do que aquelas mulheres dançavam) nasceram, ou renasce-

ram, graças a Bernhard Wosien. Bernhard era alemão, bailarino profissional e estudioso da dança. Na década de 60, ele buscava por algo mais significativo, algo que trouxesse mais sentido a sua profissão e foi quando começou a pesquisar as danças folclóricas e étnicas dos povos da Europa Oriental, principalmente as danças de roda. Ele observou que as raízes dessas danças eram antigas e profundas e que sua importância era muito maior do que se imaginava.

Provavelmente as conclusões de Wosien teriam ficado só para ele se, em 1976, não tivesse sido convidado pela Fundação Findhorn para ensinar pela primeira vez uma coletânea de danças folclóricas. Mas o mais importante aqui não foi o fato de ele ter sido convidado a ensinar as danças a alguém e, sim, a quem ele ensinou. A Fundação Findhorn é uma associação sem fins lucrativos, criada em 1962, ao norte da Escócia. Seus cerca de 400 membros mantêm até hoje um modo e vida comunitária e de partilha. Foi uma das primeiras ecovilas a serem formadas, e hoje uma das mais importantes, sendo um exemplo em diversas áreas como sustentabilidade, economia local e educação holística. A comunidade recebe, anualmente, a visita de cerca de 14.000 pessoas vindas de mais de 70 países, com o intuito de participarem em seminários (workshops) e retiros espiritu-

ais. Tudo isso fez desse lugar o ambiente ideal para a germinação das danças circulares. Os membros da comunidade se inspiraram tanto, que passaram a ensiná-las pelo mundo. No Brasil, as danças chegaram em meados da década de 80, através de Sara Marriot, uma senhora, ex-moradora de Findhorn que veio residir no Centro de Vivências Nazaré, comunidade inspirada na escocesa.

De lá para cá, centenas de danças foram incorporadas ao conjunto do que passou a se chamar de "Danças Sagradas Circulares", "Danças Circulares Sagradas", ou somente, "Danças Sagradas". Esse tipo de dança é mais que um exercício físico, é um exercício espiritual. Não se trata, porém, de religião, nem de crenças, mas de olhar para dentro de si mesmo. O grupo, em círculo, reúne energias em busca da harmonia e da consciência do todo. No círculo não existe hierarquia, e as atitudes de competição são substituídas por atitudes cooperativas, onde participantes do grupo podem ajudar a superar os erros uns dos outros, manifestando o melhor de cada um. Assim, é possível ampliar o conhecimento em direção ao bem estar físico, mental, emocional, energético e social. Uma das mulheres naquela sala de aula, disse a frase que melhor resume a dança circular: "esse tipo de dança não se assiste, se dança".

“Dança não é para conhecer garotas ou encontrar marido, e sim para fazer bem à alma”

Documentos Documentos Documentos

O que existe além do papel?

Larissa Cabral

Erradicar o sub-registro civil no Brasil até 2010. Este é o objetivo da Mobilização Nacional pela Certidão de Nascimento, campanha do governo federal que traz Ronaldo Nazário como garoto-propaganda. Além de estimular a emissão da certidão de nascimento para todos, o projeto visa ampliar o acesso da população à documentação básica (RG, CPF, CTPS), que possibilita o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e econômicos. Prefeituras têm papel decisivo na instalação de unidades interligadas do cartório à maternidade e na emissão de certidão de nascimento após o parto. O governo também incentiva a realização de mutirões, campanhas locais e instalação de serviços itinerantes.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de setembro de 2009, mais de 90% dos nascimentos de 2008 foram registrados. É a primeira vez desde 1974 que a taxa de nascimentos sem registro fica abaixo de 10%. A meta do governo é chegar ao final de 2010 com, no máximo, 5% de não registrados. Foram estipuladas metas e criadas formas de incentivo para alcançá-las. Mas o que o brasileiro ganha com a emissão e o porte deste e de outros documentos? E eu com isso? - Poucos sabem da importância da certidão de nascimento. Ela é um documento de identificação e a primeira etapa do exercício de cidadania de todos. Com ela, temos direito de ser atendidos nos serviços públicos como hospitais e escolas, temos acesso aos direitos mais fundamentais e à programas sociais. Todas as crianças devem ser registradas logo após o nascimento. Para facilitar, desde 1998 os cartórios são obrigados a fornecer o documento sem custos.

A certidão passa uma imagem de carta de garantias básicas. São garantias que obtemos constitucionalmente como saúde e educação. Na prática, porém, é um registro. Registra nome, onde nasceu, quem é o pai e a mãe. Mais um brasileiro. Ela nos dá direitos, mas não garante qualidade no exercício deles. Notícias mostram diariamente falta de atendimento e longas esperas para conseguir horário para consulta e atendimento, por exemplo.

Em novembro deste ano, a espera fez uma vítima na Serra Catarinense. Anita Andrade, de 62 anos, morreu no Pronto Atendimento de Lages enquanto aguardava por uma vaga nas UTIs dos dois hospitais da cidade. Ela teve uma crise de pancreatite e não resistiu. Uma entre tantos.

Qual é a sua nota? - Outro documento que tem grande importância para muitas pessoas é o boletim escolar. Seja ele bimestral ou trimestral, sempre traz as tão aguardadas notas. Mas, será que aquele 8,5 em Língua Portuguesa do boletim do Joãozinho garante que ele não se torne mais um analfabeto funcional? Ele passa de ano e o governo emite nota informando que o índice de reprovação no ensino fundamental diminuiu. Números. O Joãozinho passa para a quinta série, mas lê como se tivesse aprendido o bê-a-bá recentemente.

Em 2008, o IBGE divulgou que a quantidade de analfabetos funcionais no Brasil chegava a 21%, número que abrange apenas pessoas entre 15 e 64 anos. Trinta milhões de brasileiros seriam analfabetos funcionais. O boletim escolar é sinal de que o Joãozinho não está nesta porcentagem?

Há documentos não obrigatórios, mas não por isso menos requisitados. A Carteira Nacional de Habilitação (CNH) é um exemplo. Ela atesta a aptidão do cidadão para conduzir veículos. A pessoa frequenta aulas teóricas e práticas, passa em testes, recebe a carteira e pode conduzir.

Acontece ainda de essas etapas serem puladas. Segundo matéria publicada em junho de 2008, no site do Bom Dia Brasil, um relatório foi emitido para a Operação Carta Branca, que investigava a máfia que comercializava carteiras de habilitação. O relatório mostra 416 auto-escolas que teriam fraudado o sistema do Detran para emitir habilitações. Aparentemente, a falta de segurança é comercializada e vende muito.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o trânsito é a décima causa de morte no mundo. Cento e dez brasileiros morrem por dia no trânsito, ou seja, mais de uma morte a cada 15 minutos. E a carteira de habilitação não salva ninguém.

Em quem você votou? - Já o Título de Eleitor comprova que o cidadão está inscrito na Justiça Eleitoral e se encontra apto tanto a votar, quanto a ser votado. De novo, um documento que dá direitos (de extrema importância, diga-se de passagem), sustenta o livre-arbítrio e implica também deveres e responsabilidade. Infelizmente, não garante o voto consciente e crítico. Não garante renovação no cenário político, não nos previne de corrupção, voto de cabresto, coronelismo e afins.

Uma pesquisa realizada em agosto de 2007 pela Associa-

ção de Magistrados Brasileiros (AMB), ilustra consequências decorrentes da falta de consciência ao se usar tal documento. Ela revelou que 81,9% dos brasileiros não confiam nos políticos e 80,7% não confiam no Senado. Além disso, 75,9% dos entrevistados não confiam nos partidos políticos. É contraditório pensar que um governo eleito com 58 milhões de votos (60,83%), é alvo de desconfiança de 54,4% dos brasileiros.

E se eu não tiver? - O diploma universitário é, atualmente, um dos documentos considerados mais importantes. Semelhante ao caso do Joãozinho, aquele que entrou nas estatísticas do governo, mas que não consegue ler a receita de bolo em voz alta para a sua mãe, o diploma universitário não é garantia de boa universidade, bom ensino, bons alunos e boas pessoas.

É o caso do médico Roger Abdelmassih, preso dia 17 de agosto, após acusação de 56 estupros e que também está sendo investigado por manipulação genética e crime fiscal. A defesa de Abdelmassih "entende que a custódia preventiva do doutor ilegal. Ele preenche os requisitos para aguardar o julgamento em liberdade". A afirmação foi feita pelo advogado José Luís Oliveira Lima e divulgada no site do G1.

A alegação da defesa, assim como regalias, como a cela especial são baseadas no fato do médico possuir diploma universitário. É o diploma que garante prisão especial, segundo o decreto-lei N° 3689/1941. Dia 7 de agosto, na mesma época em Abdelmassih foi preso, noticiou-se que um homem que foi espancado por seguranças de um famoso supermercado em Osasco. Isso aconteceu porque o senhor "estava agindo de forma suspeita".

Ele estava dentro do seu carro, esperando a esposa terminar as compras, enquanto a filha dormia no banco de trás. Determinante ou não para agressão, observa-se que o homem era negro. Sem direito de resposta, apanhou (será que se ele tivesse diploma, a situação seria diferente?). Ao invés de cela especial, o homem foi agredido e levado a uma sala, onde mais seguranças continuaram com a violência.

Felizes para sempre? - Já o casamento é registrado através da certidão de casamento. É uma fonte importante para interessados em informações genealógicas de seus ancestrais. Para selar uma união, até mesmo um namoro, hoje em dia se usam alianças, por exemplo. Símbolos de papel ou metal significam

um registro, quem sabe até uma prova de amor. Porém, mais fortes, constantes e verdadeiras deveriam ser as manifestações de sentimento. Histórias e lembranças de amor e união, fariam muito mais aos filhos de um casal que a simples apresentação da certidão.

E se ele ficar guardado? - A Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) é obrigatória para quem venha a prestar algum serviço profissional no Brasil. Ela reproduz, esclarece, comprova dados sobre a vida funcional do trabalhador e garante acesso a alguns dos principais direitos trabalhistas, como seguro-desemprego e FGTS. Contudo, ainda hoje, depois de mais de 120 anos da abolição da escravatura, são feitas denúncias de trabalho escravo no Brasil. É o caso de um engenheiro em Pernambuco, noticiado em outubro do ano passado e de bolivianos em oficinas clandestinas de tecelagem em São Paulo, caso noticiado em novembro deste ano.

A existência da carteira de trabalho, não garante o mínimo respeito à condição humana no exercício da profissão. Os trabalhadores do engenho, não recebiam água potável e nem tinham banheiro em casa. Os 15 bolivianos moravam em um cubículo, onde "o calor era infernal". Há ainda diversos casos como estes, consequências históricas e reflexo da nossa política social e econômica complexa e falha.

A carteira também não nos garante emprego. A taxa de desemprego no Distrito Federal, em Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo pesquisada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) ficou em 13,7% em outubro deste ano. São 2,756 milhões de pessoas sem trabalho e de carteira de trabalho guardada, só nestas regiões.

E, para morrer em paz? - Por fim, morremos. Obtemos o atestado de óbito e a certidão de óbito. O primeiro, é fornecido pelo médico, atestando falecimento e causa do óbito. É fundamental para que sejam tomadas providências como velório e enterro. A certidão de óbito possibilita o requerimento de pensão e serve para dar entrada ao processo de inventário ou testamento. A obtenção deste documento é simples, mas as demoras e complicações nos processos judiciais que herdam a família são quase certas.

Você pode morrer em paz, mas certifique-se de ter todos os documentos em dia e de fazer bom uso deles.

Caminho guiado por flores

A dedicação de pessoas que convivem com as plantas símbolo de encantamento

"A cesta de frutas acompanha pão e doces". Silêncio para escutar a cliente, que está do outro lado da linha, mais precisamente no trevo de Santo Antônio de Lisboa, norte de Florianópolis. "O preço é R\$ 75, mais a taxa de R\$ 12. O que a gente escreve no cartão que vai junto?". Mais um breve calar de voz, um fixar de olhos para entender as respostas, e a sugestão "parabéns pelos 10 anos de casamento. Tê amo". "Pode ser?".

É assim o dia-a-dia de Jean Carlos Bardança, proprietário da floricultura Dona Flor. Há mais de 20 anos lidando com flores, Jean estipula que a loja tenha mais de cem variedades de plantas para encantar os clientes. São homens e mulheres, em mesma proporção, que escolhem desde um único ramo de flor até cestas com vinho e ursos, que chegam a custar R\$ 200. "A preferência na hora de presentear ainda são as rosas vermelhas ou as orquídeas", destaca Bardança.

A simbologia ligada às rosas vermelhas continua a influenciar os catarinenses. Em maio, no dia das mães, e em junho, dia dos namorados, os olhares na floricultura vão ao encontro da flor dos apaixonados. Para que as rosas cheguem às mãos dos florianopolitanos são, no mínimo, 817 quilômetros percorridos de Holambra, em São Paulo, até a capital catarinense. Mesmo existindo uma "Cidade das Flores" no estado, Bardança sempre comprou flores dos produtores paulistas. Isso porque a produção de flores e plantas ornamentais em São Paulo concentra 75% do total das produções do país, de acordo com pesquisa de 2009 realizada pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri (Instituto Cepa). E a cidade que auxilia esse número expressivo é Holambra, responsável por 40% da comercialização nacional de flores e plantas, com cerca de 300 produtores rurais.

A distância entre as cidades faz com que seja necessário um caminhão frigorífico, res-

ponsável pela conservação das plantas. Quando chegam a Florianópolis, as flores plantadas ficam à vista dos admiradores e as de corte vão para um freezer, na mesma sala em que os arranjos são feitos. Apesar do trabalho em lidar com produtos delicados, Bardança confessa que não são todos que valorizam as flores expostas na loja. "As pessoas de outras cidades compram mais do que as naturais de Florianópolis".

A opinião do comerciante também é compartilhada por Lucir Maria Locatelli, 47 anos. "Algumas floriculturas têm um preço caro, mas entendo, porque é necessário muito tempo para ter um exemplar de uma flor. Isso resulta em um valor que é acessível a poucos". Há 21 formada em ciências biológicas, a profissão foi uma das responsáveis pela aproximação com as plantas. "Comecei a perceber, no meu entendimento, que as plantas são muito mais preparadas para enfrentar as adversidades. Um animal, quando ameaçado por algum fator, corre para que possa sobreviver. As plantas, por sua vez, são fixas e desenvolveram mecanismos para enfrentar as dificuldades. Além disso, o espetáculo do ciclo reprodutivo de uma planta é maravilhoso, e está sempre disponível para todos admirarem. Pena que a maioria das pessoas nem percebe isso".

Hoje em dia, Lucir trabalha como artista, desenvolvendo peças em mosaico, outra aproximação possibilitada pela biologia e, por que não, pelas flores. "Estava contratada para executar um jardim, e o cliente queria fazer um logotipo com flores. Porém, ao longo do tempo, o painel iria ficar sem manutenção e o cliente ficaria decepcionado com meu trabalho. Foi aí que apareceu o mosaico. Apesar de nunca ter feito trabalho algum com essa técnica, o cliente me deixou executar. Depois da experiência, praticamente só me dedico a isso". Mas as plantas ainda fazem parte do seu cotidiano. Às vezes as compra, contudo é

principalmente pela troca de mudas e posteriores cultivos que a artista multiplica as unidades em sua casa, local que Lucir brinca dizendo ter mais plantas do que móveis.

Toda a família da artista gosta de plantas e Lucir confirma que sua admiração por elas teve influência dos parentes. A história é parecida com a da joinvilense Letícia Czus, 20 anos. Seu padrinho, Rui Arsego, junto com a colega Milla Ramos, produziu em 2001 o livro "Maria-sem-vergonha", um misto de fotografias das 30 flores tradicionais de Joinville, e versos poéticos. A casa da estudante sempre foi decorada com mudas de Alamanda, Flor de Jade, Onze horas, Manacá e mais seis variedades de plantas que os quatro moradores cultivam.

No cotidiano de Letícia, os nomes de plantas rotineiros são substituídos pelos Brinco de Princesa, Buganvília, Estrelícia, Flamboiã, e Quaresmeira, seu tipos favoritos. Ainda assim, a estudante de educação física destaca o amor pelas rosas vermelhas, que indicam pessoas apaixonadas. "As flores fazem parte da lembrança de um momento muito bom, das principais celebrações da vida. Elas têm o poder de transformar um dia comum em uma data especial, um ambiente normal em aconchegante e um momento qualquer em inesquecível".

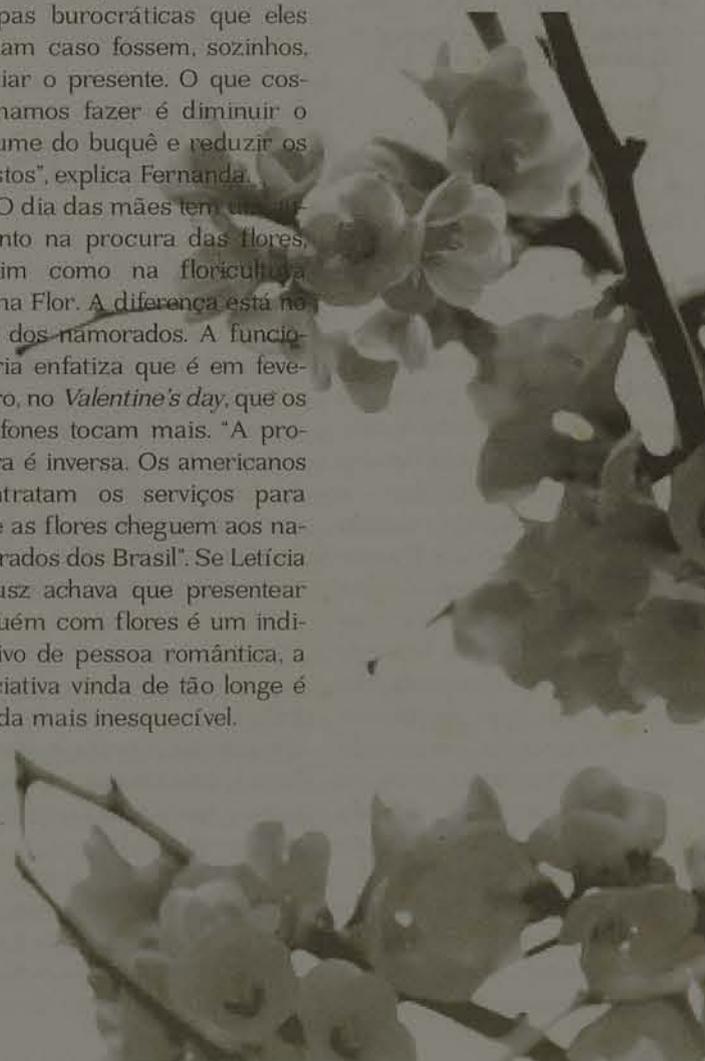
Da mesma forma que gosta de receber flores, a estudante também presenteia quem compartilha dessa afinidade. "Já presenteei com flores minha madrinha Ivone, no seu aniversário, pois é uma pessoa que valoriza muito esse tipo de presente. As flores foram sempre muito bem recebidas". Na ocasião, a surpresa foi encomendada e comprada na mesma cidade em que seria entregue. Mas, o que fazer quando se está em outro estado, ou ainda mais longe, em outro país?

A empresa Flora Web, com matriz em Florianópolis, existe desde 2000 e investe nesse tipo de vendas. O comércio de flores se expandiu para a internet e, através do site com e-mail, programa de mensagens instantâneo e número de telefone, os clientes podem

escolher os arranjos e presentear um conhecido que mora em outro continente. Nem os três funcionários da empresa, nem os clientes têm contato com as flores, mas é garantida a surpresa para o destinatário. Fernanda Moreira Ogasabara, uma das funcionárias da Flora Web, admite que as rosas continuam sendo preferência dos compradores, além de buquês mistos.

A entrega das flores para os 136 países é possível porque a empresa é credenciada em uma rede de interfloristas. Assim, se uma pessoa de São Paulo ou Rio de Janeiro, estados que mais costumam contratar o serviço, quer enviar um buquê para o Quirguistão, a floricultura do país que faz parte da rede é a responsável pelo arranjo e entrega do produto. A mediação é feita pela funcionária de Florianópolis, que entra em contato com os floristas dos outros países, verifica a disponibilidade das flores e se compromete com realização do serviço terceirizado, tudo isso a custo maior que as floriculturas normais. Os preços variam de R\$ 200 a R\$ 500, por um arranjo de flores. "No início as pessoas ficam assustadas, mas 'pulamos' todas as etapas burocráticas que eles teriam caso fossem, sozinhos, enviar o presente. O que costumamos fazer é diminuir o volume do buquê e reduzir os custos", explica Fernanda.

O dia das mães tem um momento na procura das flores, assim como na floricultura Dona Flor. A diferença está no dia dos namorados. A funcionária enfatiza que é em fevereiro, no *Valentine's day*, que os telefones tocam mais. "A procura é inversa. Os americanos contratam os serviços para que as flores cheguem aos namorados dos Brasil". Se Letícia Czus achava que presentear alguém com flores é um indicativo de pessoa romântica, a iniciativa vinda de tão longe é ainda mais inesquecível.



De bala em bala se compra um sítio

Diego Vieira

Hospital Regional de São José, sexta-feira, duas da tarde. Os familiares começam a chegar para visitar os pacientes e a lotar os bancos em frente à entrada do edifício. Entre eles está Antônio Nascimento, sentado atrás de uma banquinha de madeira onde vende balas, chicletes e salgadinhos. Ele faz das tardes no hospital o seu sustento e a alegria dos que aguardam para subir aos quartos dos doentes, pois o hospital só permite o acesso de dois visitantes por vez.

O vendedor é um imigrante do município de Maravilha, no oeste do estado, que decidiu trocar o campo pela capital. Como faz questão de ressaltar, a vida no interior não estava fácil. Sem uma propriedade rural, a família de Antônio Nascimento dependia do que ganhava colhendo as safras na região. Em busca de uma vida melhor, mudaram-se para o bairro Brejaru, em Palhoça, onde comprou uma casinha por 15 mil reais.

A sonhada oportunidade de ganhar melhor não chegou fácil, seu Antônio trabalha pela manhã em seu bairro, à tarde enfrenta 20 minutos de ônibus e mais 10 de caminhada morro acima. Instala-se no hospital quase todos os dias no horário de visitas, das 14 às 17 horas, com sua banquinha. Consegue

uma renda de aproximadamente 900 reais por mês com a atividade, muito maior do que a que tinha no oeste, mas reclama dos preços da cidade. "Aqui o dinheiro vem em maior quantidade, mas as coisas são muito mais caras de comprar."

Outro problema enfrentado pelo seu Antônio é a falta de ponto fixo para vender seus produtos. Ele conta que nos últimos meses tem ficado no Regional, mas de vez em quando os donos de bares em frente ao hospital reclamam da sua presença.

"Estou aqui porque preciso, não desejo atrapalhar ninguém, só quero trabalhar e voltar pra casa com a dinheiro para me sustentar." Antes de trabalhar ali, seu Antônio já tentou vender no Hospital Celso Ramos e em frente ao terminal de ônibus do centro de Florianópolis. "Logo os outros que já estavam vendendo no ponto reclamam e a gente tem que trocar de lugar, né", lamenta.

A família também ajuda nas vendas. Sua esposa, dona Maurília, o acompanha e ajuda a oferecer os produtos aos que aguardam o horário de entrada. "Aqui é assim, cada um faz o que pode para vender e sobreviver".

Apesar das dificuldades, o ex-agricultor sente-se contente na grande Florianópolis. "Aqui



tem de tudo, a gente pode ficar doente que tem hospital, tem escola para as crianças perto de casa." O casal tem três filhos, o mais velho trabalha como servente de pedreiro para ajudar na renda da família, os outros dois estudam e ajudam nas vendas no período em que não estão na escola.

Essa acaba sendo a realidade de muitas pessoas que saem do campo tentando uma vida mais digna na "cidade grande". Sem qualificação, acabam tra-

balhando na informalidade. Porém, a maior dificuldade não é o trabalho informal. O que a família mais sente falta é da tranquilidade do campo. Morando em um dos bairros mais perigosos de Palhoça, seu Antônio conta já ter se acostumado a presenciar cenas de violência como tiroteios e brigas. Já se acostumou também ao fluxo de pessoas que entram no bairro para comprar drogas e vive tentando evitar que os filhos sigam por esse caminho. "Meu

maior medo é que os meus meninos mais novos caiam nessa vida." O temor de seu Antônio é justificável, já que mora em um dos bairros com a maior taxa de homicídios da Grande Florianópolis.

Por isso seu Antônio e a esposa sonham em voltar a Maravilha, comprar um sítio e viver da produção da propriedade. "É por isso que eu venho todos os dias vender, para um dia voltar para o oeste melhor do que saí."

As ruas de Joãos, Pedros e Marias

Daiana Meller

Alexandre, 45 anos, acorda às 7h, coloca nos ombros sua bolsa de trabalho e pega o ônibus. Chegando ao centro da cidade, tira o cadeado que prende seu instrumento de trabalho no poste — uma bicicleta azul de uma roda e um rolo de amolar — e se instala na esquina marcada pelo encontro das ruas Francisco Tolentino e Jerônimo Coelho. Ele tira do trabalho nas ruas seu sustento, são oito horas de trabalho diárias sem parar para almoço. Não paga previdência, não tem empresa constituída, nem registro, razão social ou endereço comercial definido. Seu Alexandre não é o único a viver assim, existem muitos Joãos, Pedros e Marias que também ganham a vida em atividades informais. Essas pessoas são responsáveis por movimen-

tar 18% do PIB (Produto Interno Bruto) de Santa Catarina.

São vendedores de CD e DVD, milho, pipoca, passe de ônibus, amendoim, água de coco, entre outros, que dividem as ruas do calçadão. Eles não possuem estabelecimento próprio e o local de trabalho pode variar todos os dias. Alguns já têm clientela fixa, outros tentam vender seus produtos no "corpo a corpo". São vozes graves e histéricas espalhadas pelas ruas que vão formando a sinfonia de sons que compõe a rotina do centro. Parece uma batalha onde quem vence é quem ganha o cliente, literalmente, no grito.

Seu Alexandre e Luciano, vendedor de óculos de sol, não possuem os mesmos direitos que os trabalhadores comuns. Sem carteira assinada, não têm direito ao

13º salário, licença paternidade, férias, garantia de 12 meses em caso de acidente, vale transporte, FGTS, seguro desemprego. Não contribuem com a previdência e, futuramente, não terão direito a aposentadoria. Também não possuem a garantia de um ganho fixo mensal — recebem por dia e a cada dia o valor arrecadado é diferente. O ganho diário aumenta na alta temporada, de dezembro a fevereiro. O vendedor de óculos de sol Luciano planeja colocar uma estofaria com o dinheiro extra que vai ganhar no verão.

Seu Alexandre senta no ban-

quino que contém o alvará que permite trabalhar na rua, coloca os pés nos pedais e movimentam suas pernas rapidamente. Hoje ele trabalha na tranquilidade, mas nem sempre foi assim. Antes de pagar o imposto de pouco mais de R\$ 1.100,00 por ano para a prefeitura, teve o equipamento apreendido diversas vezes

pela fiscalização. É para reaver o equipamento? Preciso pagar multa. Já Luciano não tem alvará para vender seu produto, para evitar uma apreensão e prejuízos, precisa ser discreto. São dois óculos escuros, um na cabeça e outro preso no pes-

coço, uma pochete na cintura e malandragem para se virar pelas ruas. Se bater a fiscalização sua discrição pode ajudá-lo a passar despercebido.

Para aqueles que tiveram pouca instrução, que não conseguiram se inserir no mercado de trabalho ou estão no comércio informal por opção, o trabalho nas ruas é uma alternativa de ganhar a vida. São brincos, vestidos, saídas de banho, alimentos e muitos outros produtos que são vendidos do norte ao sul da ilha. Alguns usam o comércio informal como fonte de renda, outros como forma de aumentar o valor ganho todo mês. Seja em dia de sol escaldante ou em dia chuvoso, os trabalhadores da rua, das esquinas e dos gritos continuam lá, tentando ganhar a vida.

Uma mente antiatômica

Lygia Esper

Quando duas forças estão em guerra, não podemos afirmar, ao certo, se o embate é entre pontos distintos do globo; se, num âmbito espiritual, transcendendo o espaço da Terra e se torna uma disputa entre o céu e o inferno; ou, se em casos mais raros, não ultrapassa o limite do indivíduo, apenas a fronteira entre o consciente e o inconsciente. Sabe-se, no entanto, que a batalha é sempre por hegemonia, não importa de qual lado venha nem sob qual máscara esconda sua ambição.

Jailson Luiz Belli nasceu em Tubarão, Santa Catarina, em 1961. Na escola, estudou todos os conteúdos habituais - inclusive Primeira e a Segunda Grande Guerra, dos quais se lembra bem. Gostava muito de assistir aos noticiários pela televisão e lia tudo o que saía nos jornais sobre a Guerra Fria. Ao contrário de muitos de sua idade, se preocupava com o rumo que mundo poderia tomar com o simples apertar de um botão.

Aos 18 anos, fez um curso técnico de elétrica no Cefet-SC e conseguiu um estágio na Cellesc. Foi nessa época também que começou a sentir dificuldade para se concentrar nos estudos e seus pais notaram mudanças de comportamento como isolamento, insônia e alterações de personalidade. Poucos meses depois, descobriu que tinha esquizofrenia, um transtorno psicótico grave e de causa desconhecida.

Nesse período, marcado por alucinações e doses cada vez mais altas de Haldol, Jailson tentou viver normalmente, mas sem conseguir dedicar-se ao trabalho como antes, resolveu ser eletricitista autônomo. A rotina funcionou por quase seis anos, só duas vezes interrompida por internações de um mês cada no centro de psiquiatria do Instituto São José.

Em 1985, a Guerra Fria finalmente começou a congelar. Jailson, então com 24 anos, continuava a acompanhar o conflito sempre que possível, agora já custando a distinguir o real do imaginário.

Num final de tarde daquele mesmo ano, quando estava assistindo à novela junto aos pais, Jailson escutou uma voz, que

afirma ser de Deus, ordenando que fizesse um sacrifício para salvar a humanidade: "Se eu me recusasse a cumprir o que Deus mandava, a guerra poderia esquentar e o mundo inteiro se desintegraria com a radiação".

A oferenda solicitada por esse Deus era o sangue dos próprios pais. Jailson, então, levantou-se do sofá e seguiu em direção à cozinha onde pegou a faca com a qual sacrificou os dois.

Surpreendido pelos irmãos, Jailson foi levado à delegacia. Mais tarde, foi preso, julgado, considerado inimputável (por ter cometido o crime durante um surto esquizofrênico) e encaminhado para o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis, onde está "internado" há 24 anos.

No HCTP estão internados 131 pacientes em apenas 10 enfermarias. Dos internos, 111 são permanentes e estão ali como medida de segurança, pois considerase que cometeram seus delitos sob estado de crise psicótica. A pena varia de um a três anos e é cumprida com tratamento psiquiátrico. O paciente só recebe alta e liberação para sair quando estiver curado, assim como num hospital tradicional.

A rotina dos pacientes resume-se a refeições, conversas e jogos de cartas e dominó no pátio e cama. Com frequência, os internos dormem em companhia de ratos e baratas.

"Quando cheguei ao hospital, não fui recebido com honrarias nem me agradeceram pelo meu ato de fé ou por ter salvado o mundo. Eles me trataram como um psicopata desde o início, e eu acabei percebendo que isso era mais uma etapa do sacrifício. Deus havia assumido o poder da situação. Eu tive certeza que a partir desse momento não haveria falhas e que em poucos anos a Guerra Fria chegaria ao fim. O meu papel era o de um catalisador. Eu precisava impedir que as ogivas nucleares enviadas pelos Estados Unidos e pela União Soviética atingissem seus objetivos e matassem pessoas. Sempre que pude, eu as segurei e desviei de seu destino. Era um trabalho cansativo e quase ininterrupto".

O ano de 1989 viu as primei-

ras eleições livres no mundo socialista. Os regimes comunistas, país a país, começaram a cair. Em 1991, foi a vez da URSS.

Após quatro anos de internação no HCTP, as crises de Jailson diminuíram consideravelmente. Como já não eram mais tão frequentes nem tão intensas, ele foi liberado a sair do hospital três vezes por semana por algumas horas.

Em 1994, Jailson passou no vestibular para Turismo e Hotelaria na Univalli e recebeu autorização jurídica para assistir às aulas. Mas, por causa da esquizofrenia, ele não conseguia manter boas relações sociais e, às vezes, julgava-se melhor que o professor. De fato, os esquizofrênicos são, em geral, bastante inteligentes. Neste caso, porém, o conhecimento acabou gerando problemas de comportamento que levaram ao cancelamento da matrícula pela universidade, com apenas seis meses de curso.

Jailson ainda tem permissão para sair quando quiser, mas deve estar de volta ao HCTP até às cinco da tarde. Em 1997, começou a frequentar o Centro de Atenção Psicossocial para adultos (CAPS). Hoje, após 12 anos, passa a maioria dos dias lá. Já fez oficina de teatro e agora faz as oficinas de dança e música.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) surgiram há pouco mais de 20 anos no país - em Florianópolis existem três. São unidades de atendimento intensivo e diário aos portadores de sofrimento psíquico grave, constituindo uma alternativa ao modelo centrado no hospital psiquiátrico, caracterizado por internações de longa permanência e regime asilar. Os CAPS, ao contrário, permitem que os usuários permaneçam junto às suas famílias e comunidades. Além disso, ainda orientam os parentes de usuários, para que saibam agir diante das crises e surtos psicóticos.

"Hoje ainda existe muito preconceito em torno do doente mental. Aquela mesma mentalidade antiquada de que o louco apresenta risco à sociedade ainda é muito presente. Esses novos tratamentos também buscam reverter essa visão. Florianópolis, comparada aos grandes centros,

parou no tempo. O preconceito é um problema de educação; de falta de leitura. Tanto que é comum pessoas menos instruídas levarem doentes mentais ao neurologista. Isto é errado. O neuro não saberá tratar o paciente da forma mais adequada e também não irá encaminhá-lo ao psiquiatra, por uma simples questão de mercado", avaliou a psiquiatra Mariana Franciosi Tatsch.

Quando conheci Jailson, eu estava em uma roda de usuários lá no CAPS sendo apresentada a todo o grupo de teatro. Ele, de camisa semi-aberta e barba por fazer, estava um pouco mais afastado, com um cigarro na boca, fones nos ouvidos e dançava alguns passinhos tímidos sem sair do lugar.

O grupo se dispersou, foi para o último ensaio do mês e Jailson sentou ao meu lado num banco que havia no jardim, próximo ao portão de entrada do CAPS. Conversamos por mais de uma hora, e foi o suficiente para ele fumar um maço de cigarros inteiro. A cada novo assunto eu me surpreendia mais com tamanha astúcia para articulação de fatos tão desconexos. Quando ele me contou que havia sacrificado os pais (e insisto no sacrificado porque ele repetiu três ou quatro vezes que não havia cometido um assassinato), acredito que minha expressão tenha passado da perplexidade à comoção num segundo. Ele não carrega nenhum sentimento de culpa, sabe que fez um bem para a humanidade, e isso, para ele, é o real.

Contou-me sobre sua vida pessoal, sobre as namoradas que teve e os filhos que não poderia ter, por causa da doença. Quando perguntei se tinha algum sonho que gostaria muito de realizar, ele rapidamente disse que não. Há, no entanto, um pesadelo que ele deseja que nunca se torne real:

"Eu tenho medo da guerra nuclear. Tenho medo que o mundo inteiro se acabe como Hiroshima e Nagasaki. De certo modo, apesar do desastre, essas cidades serviram como uma vacina para que os homens não sejam mais tão covardes e inconsequentes. Mas sabe-se lá onde toda essa loucura vai parar... E depois eu é que sou louco, né?!"



Fat Man - a bomba que atingiu Nagasaki em 45

Jailson escutou a voz de Deus ordenando que ele fizesse um sacrifício para salvar o futuro da humanidade

Quando ser pai vira missão

Bárbara Lino

Paulo casou-se quando ainda era um jovem soldado da Polícia Militar de 19 anos, Suelen tinha 15. Tentaram ter o primeiro filho, mas os espermatozoides de Paulo, prejudicados por um câncer nos testículos, não tiveram forças para realizar o sonho do jovem casal.

Quando Diego chegou, para completar a família, tinha apenas 15 dias. O filho sonhado não demorou até começar a fazer travessuras. Com um ano de idade, confundiu remédios que a mãe tomava com balinhas e tomou vários deles em sua alegria de criança que lhe custou um mês na UTI. Aprendida a diferença entre balas e remédios, o pequeno Diego ficou só com as que tinham sabor doce, mas gostou tanto que resolveu colocar duas delas na boca e engasgou-se. Nem bem recuperados dos dois sustos seguidos, Diego pregou mais uma peça nos pais quando resolveu brincar com o ferro quente da avó e queimou a mão direita, por sorte é canhoto.

Os sustos passaram por um tempo, mas não as preocupações. Até os cinco anos Diego não falou. O silêncio entre pai e filho incomodava e Paulo tentava entender porque o filho era diferente das outras crianças. De médico em médico, buscava alguma explicação, até que um dia ouviu a frase que hoje ainda guarda: "O nome dela era Sueli, nunca vou esquecer, ela me disse: 'essa criança é uma criança problema'. Acho que ela era algum tipo de vidente".

Em seu trabalho de policial militar ele dava plantões e, nas horas vagas, fazia bicos. Chegava em casa depois que o filho já tinha ido dormir e saía antes ainda que ele acordasse "Eu trabalhava muito e não podia brincar com meu filho", Paulo diz como quem se justifica. "Mas eu o ensinei a jogar bola, e os problemas na escola era eu quem resolvia". Diego começou a ter problemas de aprendizado, migrou primeiro de sala em sala, depois começou a mudar de colégio.

Quando o menino tinha seus 17 anos os pais se separaram. Ele estava cada vez mais estranho e o alerta veio de uma vizinha "Paulo, eu acho que seu



filho está usando drogas". O pai já desconfiava. Quando fez 19 anos o pai insistiu que arrumasse um emprego. Diego tentava seguir o conselho do pai, mas o número de assinaturas na carteira de trabalho só aumentava – permanecer em um emprego era a grande dificuldade. Com essa idade já usava crack, e o pai, desesperado, já estava procurando por ajuda.

A essa altura já não dava mais para seguir sozinho, foi então que Paulo conheceu Jonas, do Creta – Centro de Recuperação de Tóxicômanos e alcoolistas – e Diego foi encaminhado para a primeira internação. No coração de Paulo ascenderam as esperanças de pai, pensou que o filho sairia de lá curado. Seis meses depois Jonas ligou avisando que Diego queria ir embora.

Paulo nunca irá esquecer a dor que sentiu no dia que Diego teve que deixar os tênis na rua. Barbudo, cabeludo, e com um fedor insuportável. Como um desconhecido, o filho bateu na porta de casa pedindo ajuda.

"Ele parecia um mendigo", Paulo em sua fortaleza e dor de pai mandou que o filho entrasse "você deixa esse tênis na rua e vai tomar um banho". Paulo ficou fritando bifês e viu o filho comê-los, faminto.

Novas esperanças nasceram outras vezes. Diego voltava para o Creta, mas não aguentava, fugia ou pedia para ir embora. Nesse vai e vem foram mais

de seis anos, muitas recaídas, noites que Paulo esperava o filho chegar de madrugada, tentativas de leva-lo à igreja, idas e vindas de médico em médico e até

uma cirurgia para reparar estragos no nariz feitos pelo uso de drogas.

Então já era o fundo do poço. Quando Diego fez 25 anos, Paulo sentiu que precisava tomar uma decisão importante. O segundo casamento não ia bem e a esposa não gostava muito do garoto que dava tanto trabalho. "Ou eu me dedicava ao meu filho, ou ao meu casamento. Fiquei com Diego". Paulo deixou tudo. De seu só restaram o carro, as roupas, algumas ferramentas e a vontade

de ajudar o filho. A nova casa que encontrou para viver estava assim como a vida do filho – aos pedaços. Sujeira, telhas quebradas, banheiro entupido, mas tinha o principal: era perto da fazenda do Creta, na Praia de Fora.

A nova vida era simples. Um amigo ajudou com uma geladeira, uma pia, uma mesa e dois beliches, os cobertores eram aqueles usados em mudanças, mas a conta da gasolina chegou a quase 500 reais por mês levando Diego para baixo e para cima. No Creta, Diego trabalhava e chegou a ser monitor dos outros internos. Paulo, com seus 50 anos, tinha retomado as esperanças de recuperar o filho. Mas Diego teve mais uma recaída.

Voltava para casa de madrugada, com a "catinga" de outros tempos. Faminto, fazia comida e a sujeira ficava para o pai "um dia ele deixou a frigideira no fogo e quase queimou a casa". Diego lavava os pés, mas o cheiro ruim permanecia. Paulo resistiu por seis meses.

Decidiu então juntar as coisas do filho. Da porta de casa dava para ver a estrada, Paulo chamou o garoto e apontou para um caminhão. "Você está vendo aquele caminhão? Ele provavelmente vai pro Paraná ou pro Rio de Janeiro ou São Paulo." Em seguida apontou outro caminhão que ia na direção contrária "Aquele vai para a direção contrária, para o sul. Agora você escolhe um dos caminhões. Aqui estão suas coisas e a partir de agora você segue seu destino e eu o meu. Eu vou me reerguer. Fui até o fundo do poço pra te resgatar, te tirar de lá, mas você não quis vir comigo." Depois de deixar o filho, Paulo saiu sem rumo. A cabeça de Paulo estava tão confusa que quando caiu em si estava em Santo Amaro, dormindo.

Paulo foi morar na casa da irmã. Já estava se ajeitando novamente quando recebeu a notícia de que Diego fora baleado. O tiro foi na perna e o garoto precisava de assistência. A avó

quis o acolher, mas Paulo hesitou. A casa da avó fica muito próxima do morro e da tentação que Paulo não queria para o filho. Mas a avó insistiu.

Na fissura e com a perna machucada Diego pulava pela casa sem parar. Muitas vezes precisava de ajuda para se locomover e a avó, com mais de 70 anos não dava conta. Paulo resolveu ir morar com a mãe e cuidar novamente o filho. Apesar das recomendações e a dificuldade para se locomover com muletas, Diego subia o morro mesmo assim.

Com 17 anos Diego já usava crack e o pai, desesperado, procurava ajuda

No começo do ano, Paulo conseguiu uma vaga para Diego no projeto GOAS, em Barueri, São Paulo. Lá os internos trabalham com

material reciclado e o lucro do trabalho ajuda a fazer melhorias na favela. Além disso, os traficantes tem um acordo de não vender drogas para os participantes do projeto. Diego foi, mas 20 dias depois Paulo recebeu a ligação do diretor administrativo da GOAS, dizendo que o filho conseguiu uma passagem e estava voltando. Paulo descobriu mais tarde que Diego inventou uma história para que alguém emprestasse dinheiro para voltar e a avó pagasse depois.

Hoje Paulo estuda espiritismo e acredita em destino. Começou lendo Nas Fronteiras da Loucura, de Divaldo Franco, e aprendeu a aceitar. Ele mostra com orgulho a pilha de livros onde busca explicação para o que aconteceu em sua vida e na do filho.

A vida se reascendeu quando conheceu Márcia e hoje eles vivem juntos. "Juntamos as escovas". Márcia adotou duas crianças Israel e Emily. Com orgulho, Paulo mostra a foto dos dois. Ri da tagarelice da menina e orgulha-se da foto em que Israel aparece com a camiseta do Figueirense.

A história de Paulo é só mais uma das tantas de pais que só esperam o dia da morte ou prisão de seus filhos. Na certeza de que fez e faz tudo que pode, Paulo segue sua vida e, apesar de tudo, sorri.

Bem vindo à Gruta Dourada

Vitor Vieira de Oliveira

"Boate, Cabaré, Puteiro, Casa da Luz Vermelha. Pode chamar do jeito que quiser, querido." Assim Tia Lu apresenta o seu negócio. Maria Luiza Alves é a figura simpática e falante sentada atrás do bar. Localizada na rua Conselheiro Mafra, número 745, o negócio na verdade, pertence a seu marido, Seu Lúcio, que em novembro de 1990 saiu de Porto Alegre com o antigo chefe e atual sócio para abrir uma nova casa de show em Florianópolis. Nascia então a Wisqueria Gruta Dourada, que em 2008 completou 18 anos de serviço ao centro da capital catarinense.

A entrada é discreta, diferente das concorrentes da região. Um casarão tombado de esquina, com uma porta simples, vermelha, protegida por dois sujeitos, que nem sempre estão a postos. Um mais e outro menos convidativo. O mais sereno, é D, de Joinville, que mora em um cômodo nos fundos do casarão. O outro é Rafael, filho da Tia Lu, e responsável pelos negócios de domingos a terças-feiras, nos dias de folga da anfitriã.

Dez reais, com direito a uma garrafa de cerveja ou duas latas, é o preço oferecido para desfrutar do ambiente. Pergunto pela Tia Lu na portaria. Pela intimidade pela qual me apresento, sou logo bem recebido.

"Pode entrar! A mãe tá lá dentro!"

De longe ela me vê e abre um sorriso. Levanta-se e me recebe com um abraço sincero e um beijo no rosto. Depois de alguns diálogos mais fraternais do que informativos, mato minha curiosidade.

"Mas, Tia, o Rafa, seu filho, não é o mais alto de óculos? Foi o menor, porém, de olhos claros, que me informou que a mãe estava a minha espera.

"A, querido, é assim mesmo. Todo mundo me chama de mãe".

A Gruta - O capital da casa é garantido com o aluguel de quartos e na venda de bebidas alcoólicas. A garrafa de cerveja, comprado a menos de 2 reais em distribuidoras, é vendido a 10 reais. Pelo menos 500% de lucro sobre o produto. Na lata,

por volta dos 300 %.

Os dois quartos, com cama de casal, chuveiro e televisão, são alugados a 30 reais por 30 minutos. Há mais um cômodo, uma sala, com sofá e cama, que rende 20 reais a mesma meia hora. A casa não tem participação sobre o programa, que não deve ser feito por menos de 50 reais.

Cris, a "Diaba Loira", como se auto-intitulou, trabalha há 15 anos no ramo, e quase oito na Gruta Dourada. Cris explica que deveriam ser 50 reais, mas que já fez por 40. "Menos que isso eu me recuso", diz rapidamente.

Com 38 anos e dona do corpo de uma menina de 20, é a profissional mais antiga da casa e a que mais fatura. Considerada pela patroa uma mestre na arte, se seguisse o meio acadêmico, seria geriatra.

"Ela é especialista em terceira idade, brinca Tia Lu. Mas é a melhor, já apostei com um cliente que nunca tinha dormido com ela. Falei que se ele não gostasse, eu deixava toda a bebida por conta da casa". Ele nunca tomou um gole sem pagar!

Apesar de ganharem como cortesia da casa, um dos objetivos do jogo de sedução é induzir os clientes a lhe pagarem bebidas alcoólicas. As profissionais ganham comissão nas bebidas servidas a elas. Dos drinks, que custam 20 reais, sete ficam para a cortejada. A garrafa de cerveja, servida a 10 reais para consumo pessoal, inflaciona 10 para ser dividida com uma menina. Seis destinados à profissional.

"Tem dia que eles pagam bastante. Chego a jogar bebida fora, para não ficar muito bêbada, mas nunca recuso. É mais dinheiro que entra", afirma Cris, que divide o título no consumo alcoólico com Joyce. Conhecida como "A gostosona", Joyce bebe cerca de 10 cervejas por dia. Cris consome conhaque com suco. Parou de contar há anos.

No quesito trabalho e clientes, contudo, Cris não tem concorrentes à altura. Afirma que ganha cerca de 1000 reais em uma boa semana. Em um mês muito lucrativo, chega a supe-

rar os 4.500 reais, sem impostos, é claro.

- Só com o T., um dos clientes mais antigos, tiro uns cem reais de bebida, mais 200 do serviço. Com ele, que já faço programa há mais de um ano, vale a pena fazer 'saída'.

Saída é o termo usado para pagar a retirada de uma das garotas da boate. Elas custam cem reais com limite de tempo e com o compromisso da menina de voltar para o bordel. Por 150, o prazo é indeterminado.

Cris explica que as "saídas" não são vantajosas com clientes desconhecidos. Perde-se muito tempo com a locomoção, na ida e na volta, adicionado ao risco extra. Na boate, elas têm uma segurança que não pode ser garantida ao sair pela porta.

"Por isso que mesmo com os conhecidos, acerto o programa antes e deixo com a Tia Lu", diz entre os incontáveis goles e tragadas.

Para quem já trabalhou na rua, esse é um tipo de prevenção básica. Cinco anos de experiência em esquinas da capital gaúcha lhe renderam muitas histórias ruins. O chamado "arastão", por exemplo, é um tipo de prática comum, mas não pouco assustadora. Com um facão ameaçando o pescoço da vítima, elas são obrigadas a fazer de tudo. Em outra prática, inusitada, um cliente que pagava antecipado, verifica o destino das cédulas. Se o dinheiro for colocado no bolso de trás, durante os afagos ele pega a grana de volta.

Vaidosa, diz que tem de cuidar da aparência, já que dela tira o seu sustento e a dos três filhos. Faz as unhas todas as semanas e mexe no cabelo de 15 em 15 dias. Frequentava a academia regularmente antes de sofrer com um problema em uma vértebra. Já com a alimentação, não se preocupa muito.

Boa parte do que ganha é reinvestido. Gasta cerca de 60 reais mensais com as unhas e cem por semana com o cabelo, entre retoques, cortes e hidratação, adicionados a mais 60 em produtos capilares. "Ainda gasto com perfumes, batons, cremes e óleos. Só a chapinha que eu faço em casa".

Profissionalismo - Como

uma boa profissional, a "Diaba Loira" gosta do que faz. Admite sentir prazer em muitos programas, o que causa ciúme no marido, Alex, o faxineiro da boate.

- Aqui é meu trabalho, se tiver que beijar na boca no meio do salão, eu beijo. Ele tem de entender.

Alex entende. Sabe que ela tem de conquistar os clientes com sensualidade. O que ele não sabe é que ela beija também por prazer. "Se o pega é bom, beijo mesmo!"

Na hora do programa, sempre usa camisinha, além de tomar pílula anticoncepcional com o cuidado diário. "Se estourar a camisinha, lavo bem, depois do sexo".

Inevitável - "É inevitável te amar assim, quantas vezes digo não, mas lá no fim sempre me entrego. É inevitável o poder da paixão, se tento esquecer lá dentro o coração. Fica surdo, fica mudo, fica cego". Comendo doces, de olho nas unhas recém pintadas, com flores em detalhes, a anfitriã cantarola a canção escolhida no Music Box. Bruno e Marrone são seus cantores preferidos.

Depois de mais algumas guloseimas, e mais refrões, dispara. "Tenho que começar a caminhar. Tenho problema de onda no coração, e estou com 32 kg a mais". Seis deles só nos últimos seis meses em que está abstêmia de nicotina. "A gente sente mais o gosto da comida, sabe? Há três, frequenta um grupo de apoio, que distribui remédios e adesivos de nicotina.

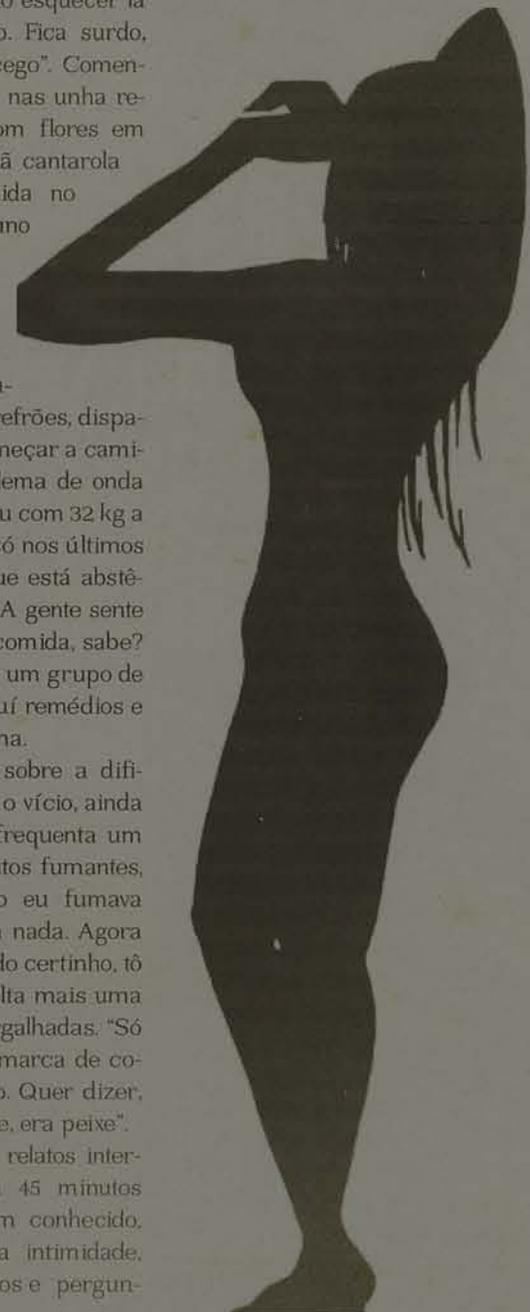
Enquanto fala sobre a dificuldade de largar o vício, ainda mais quando se frequenta um ambiente com tantos fumantes, reclama: "Quando eu fumava e bebia, não tinha nada. Agora que tô fazendo tudo certinho, tô cheia de dor" e solta mais uma das inúmeras gargalhadas: "Só tomava Dormek (marca de conhaque) com suco. Quer dizer, o que caía na rede, era peixe".

Entre papos e relatos interrompidos a cada 45 minutos que chega alguém conhecido, e, dependendo da intimidade, mais beijos, abraços e pergun-

tas mútuas de como anda a vida, chega Rafael C.. Passados dez minutos da terceira hora, Tia Lu dá a volta no balcão e antes do cumprimento, a cobrança. "Quanto tempo, Rafa. Nem me ligou no meu aniversário"

Até as 6 da manhã, as cortêsias e cobranças continuam. As idas e vindas da Negona, a gata mascote da boate, peculiarmente, são encaradas como sinal de sorte. Clientes e funcionárias entram e se ausentam das conversas com naturalidade. A maioria volta com os cabelos ainda úmidos. Rafael avisa que o sol já brilhou porta a fora e a inevitável pergunta surge:

-Querido, está na hora de acertar, né? Foram quantas? Quatro cervejas?"



Duas almôndegas no balcão

Era provável que tivesse passado cinco horas de salto. Dois minutos, que fosse, já não era confortável. Às duas da manhã, então, era difícil estar com os pés em uma situação agradável. Talvez seja por isso que tirou o par assim que subiu no balcão do bar. Ao som de uma música da moda, meio rock, meio pop, despiu duas peças de seu enxuto vestuário: uma nanossaia e um sutiã. Bestou um corpo de meia-idade de fio-dental rebolando vagorosamente, tentando acompanhar o ritmo sem pressa.

Do lado de fora do bar, em meio a dezenas de exemplares raros beirando os vinte anos, uma ou duas mulheres, mesma faixa etária. A diferença não era apenas o gênero, e sim o comportamento. Enquanto a exigência masculina urrava por uma miss, havia um grito esganado, que utilizava os termos mais comuns às provocações dos homens para elogiar uma mulher que estava mais para a Foxy Lady do Hendrix que para qualquer musa do Caetano. Era uma performance libertária: uma mulher não precisa seguir exatamente o padrão de beleza da revista, mas sim aceitar o próprio corpo.

Acredita-se que o argumento tenha sido esse, mas qualquer olhar atravessado teria feito o

publicitário calar a boca:

- Olha ali se não parece uma almôndega. Uma não, duas, olha só. Vai, almôndega!

- Cala a boca, é mó gostosa. GOSTOSA! - gritou uma delas.

Seguindo o coro que se seguiu ao elogio, a stripper desfilou pela bancada, aproveitando cada grito para esboçar um novo sorriso. Os braços, apoiados em barras presas ao teto, permitiam-na deslizar sem maiores esforços. Nas pernas, só o cuidado para não chutar nenhuma latinha de cerveja. Com uma espalmada apenas, acertaram-lhe a nádega esquerda. E outra vez. Uma bochecha foi marcada, é verdade.

Acabou a música. Acabou a coreografia. Com um pulo rápido e suave, escondeu-se atrás do balcão e ajuntou a saia e o sutiã. Vestiu-se longe da plateia, não era seguro desprevenir-se diante de tal selvageria. Sumiu como apareceu: ninguém notou, nem a seguiu. Como se nada tivesse acontecido, a festa continuou. Uma hora depois, talvez menos, a mesma pessoa do primeiro tapa decide comprar mais cervejas. Na fila, de canto de olho, vê a stripper passando. Sem pensar duas vezes, a puxa pelo braço, riso frouxo:

- Arrasou! Adorei!

O máximo de resposta que

obteve foi mais um sorriso. Ela não parecia se importar com o abraço efusivo, nem com o calor que fazia dentro da boíte.

- Aliás, meu nome é Fulana, prazer.

- Eu sou a Drica - respondeu, virando à direita para voltar à pista de dança.

O abraço não durou mais que dois segundos, mas para quem já não lembrava o número do registro geral, aquilo foi uma eternidade. O suficiente para selar uma amizade. A situação fora tão inusitada que Drica nem conseguiu reagir - aceitou como se fosse uma velha amiga, ainda que achando graça.

Apesar do sorriso fácil que geravam, os tapas estavam no limiar do proibido e da obrigação. É certo que sua bunda estava ali, não era um delírio coletivo. Mas a performance toda, a presença de Drica no ambiente, era só uma provocação ou uma oferta? Seu corpo não seguia nenhum padrão: nem para desmerecê-lo, nem para exaltá-lo. Mesmo assim, Drica enfrenta ambas experiências. Era claro que aceitava seu corpo. Curvas generosas, que passam bem longe dos 88 centímetros de quadril da Gisele Bündchen.

Se lhe lembram constantemente de suas celulites, estrias e marcas de elásticos que aper-

tam seu corpo, Drica apenas ignora, e nunca deixa de sorrir. Mas não sorri maquinalmente, para ser simpática. Sorri porque sabe que mesmo dizendo o que dizem, nenhum deles tira os olhos dela. Não têm coragem de lhe dizer na frente, e não perdem a oportunidade de apertar suas coxas, ou qualquer outra parte que alcancem.

A mulher perfeita como é considerada hoje, manequim 36 e seios firmes não está na pista para negócio. Pelo menos não tão fácil quanto acham que Drica está. A forma como usa seu corpo não é o grande mérito da questão, e sim como os outros o enxergam, independente da situação. O comportamento seria o mesmo se algum deles saísse com ela, ao invés de assisti-la em um strip-tease público?

Fosse como fosse, Drica deu meia volta e retornou à pista de dança, com um olhar vago pelos jovens bêbados no caminho. Sumiu. Não se sabe se foi para a sauna, se voltou para o bar. Continuava com seu dom de passar despercebida. Ninguém a viu.

Mas antes de ir embora, no mesmo corredor, depois de outro abraço, apertaram a bochecha de Drica, puxando seu sorriso mais para a esquerda.

Flávia Schiöchet



Paraíso: há vagas

Estaria o inferno sofrendo de superlotação? Se o público que foi à Passarela Nêgo Querido entre 12 e 14 de novembro tiver lugar no céu e os bon-vivants do axé que foram ao mesmo local entre 19 e 21 do mesmo mês já estiverem com passagem comprada pra terra do chifrado, acreditamos que sim. No primeiro caso, o tradicional palco das profanas manifestações carnavalescas foi tomado pelo louvor do grande encontro da família cristã: o Santa Catarina Gospel Festival. Pode ter sobrado louvor, mas faltou o "grande encontro" que previa o evento, já que até mesmo na noite da banda Oficina G3, vencedores do Grammy Latino e carro-chefe da programação, o público ficou bem abaixo do número esperado. Uma semana depois, foi a vez da micareta Florianópolis - carnaval fora de época da ilha - que no mesmo espaço reuniu seis bandas do libidinoso axé baiano,

carregando uma multidão de foliões que, ao invés de louvarem a Deus, preferiram louvar certas práticas morais que Papai do Céu reprimiria.

Nos três dias da festa cristã, vinte e uma bandas subiram ao palco - e estimamos que cerca de 21 cristãos assistiram. No sábado, último dia do festival, chegamos à passarela por volta das 17h30, uma hora depois da "Abertura dos Portões" (escrito com maiúsculas, mais parecia nome de banda). Para nossa surpresa, o local estava completamente vazio. Ainda não havia nada do prometido: fé, adoração, música ou louvor; apenas os vendedores das barraquinhas de comida e bebida (sem álcool) rezavam por algum cliente. O jeito foi dar manga pro pecado e sentar num boteco para passar o tempo. Algumas cervejas - e horas - depois, a incursão no Gospel Festival rendeu mais frutos: uns 50 deles. A meia centena

de fiéis exaltava sua fé em Cristo durante o show de Gabriela Rocha e Banda. Se a qualidade musical era (no mínimo) discutível, a aceitação do público parecia evidente. Cantadas com tanta devoção, as rimas se transformavam numa grande oração.

Luciana é uma das vozes do coro. Recuperou-se do caminho da perdição, causado pela dependência química e noitadas em boates gays, com a palavra da Igreja Batista do Avivamento Profético. Mas a Igreja é apenas uma das "moradas" de Deus, e Luciana acredita que Ele tem muitas. Outra delas é a Bola de Neve Church, igreja de Mariana. Embora estivesse no festival para ver a performance do Pastor Antônio Cirilo e Banda Santa Geração, cantou com emoção todas as músicas de Gabriela Rocha. Mas o grande astro da noite não estava no palco: "Venho adorar a Ele, ao Senhor", diz Mariana apontando para o céu.

Ironicamente ou não a morada d'Ele naquela noite seria tomada por muita libertinagem e pecado menos de uma semana depois. A legião de Lúcifer invadiu a avenida com suas carruagens elétricas, bradando o canto herege pelas cornetas de anjos caídos, trajados com shorts curtinhos e abadáes recortados. Os princípios da monogamia foram pisoteados pela multidão, guiada por bandas como os sacrílegos Batom na Cueca.

Parece que o pecado original tem muitos seguidores. Até Eva, depois de morder a maçã, experimentou o sabor da luxúria no ritmo da banda que leva seu nome. Na história bíblica, o desvio de Eva lhe rendeu a expulsão do paraíso. É para esses seus tantos seguidores? É bom que o Inferno comece a procurar uma empreiteira das boas.

Letícia Arcoverde
Marcelo Andregueti

